

Pórtico Edições

apresenta:

**Todo Tipo
de
Gente**

Goulart Gomes

2^a edição

GOULART GOMES



TODO TIPO
DE
GENTE

Direitos autorais do autor

1ª edição: Janeiro/2003 – 1.100 exemplares

2ª edição: Fevereiro/2011

Produção executiva;

Luiz Carlos Flores amos

Jina Carmem Isaías de Souza

Capa: “O Beijo”, de Marc Chagall

“Qualquer destino, por longo e complicado que seja,
consta na realidade de um só momento: o momento
em que o homem sabe para sempre quem é.”

(Biografia de Tadeo Isidoro Cruz, in O Aleph, de Jorge Luis
Borges)

agradecimentos

a Deus

a dona Maria e dona Alice, minhas mães

a Mário, *in memoria*

a Ana Cristina, pela cumplicidade

da condução de destinos

*José Inácio Vieira de Melo**

Após mais de 15 anos apresentando aos leitores seu trabalho poético e de também publicar vários outros autores, seja em antologias, seja em livros individuais, através do Grupo Cultural Pórtico, Goulart Gomes vem agora mostrar a sua nova faceta: o livro de contos **Todo tipo de gente**.

Como bem indica o título, o livro de estréia de Goulart Gomes no Conto apresenta vários perfis. Nele podemos encontrar desde um desesperado garoto “CDF”, que não consegue agüentar a pressão da adolescência (*Bilico*), até o caricato Chicago (*Fetiché*) que, como Jean-Baptiste Grenouille, personagem do romance *O Perfume*, de Patrick Süskind, tem o poder de registrar e distinguir todos os cheiros que lhe adentrem as narinas:

“Tornou-se um *expert* nestes aromas todos. Mesmo de olhos fechados era capaz de identificar se quem estava ao seu lado era homem ou mulher, jovem ou idoso, branco ou negro, cada um deles pelo seu cheiro específico. Nem o melhor dos enófilos de Bordeaux teria tal habilidade olfativa.”

Outra evidência em **Todo tipo de gente** é a influência das leituras do nosso mais novo contista em seu processo de criação: aqui uma pitada de Jorge Luis Borges, ali um inseto de Franz Kafka, acolá a ironia refinada de Machado de Assis, mas, como bom poeta que é, também se faz presente o veio lírico, e Goulart refaz e encaixa, talvez intuitivamente, versos do nosso cânone em sua tessitura, como no conto *Guardian*: “O mar que banha é o mesmo que afoga”, onde percebe-se de

pronto a voz solitária do Augusto dos Anjos dos *Versos íntimos*: “*A mão que afaga é a mesma que apedreja.*” Ou, ainda, quando em *Fetichê* anuncia drummondianamente: “*Tinha uma axila no meio do caminho!*”

Todo tipo de gente parece, em alguns momentos, refletir a inquietação e as preferências do autor. A busca por respostas ao estar aqui e ao que está por vir, depois da *derradeira*, são questionamentos que de alguma forma estão embutidos em *Guardian*, conto que encerra o livro, assim como no curto e premonitório *Memoricida* fica registrada a loucura fatal: a descoberta da poesia.

Lá para as tantas de *Virgindade*, Goulart lembra que “*a ninguém é dado conduzir o destino dos outros*” porém ele – o contista, o poeta – conduz os passos de suas personagens, pois, lembrando Platão, só àqueles que são inspirados por um deus é permitido criar uma obra poética, um fazer literário, e aos deuses tudo é possível.

Assim, vai caminhando Goulart Gomes, entre *todo tipo de gente* que encontra por aí, mas sempre aprendendo, sempre descobrindo e incorporando ao seu fazer literário o que está por baixo das cobertas do estranho, buscando inserir seu traço, sua marca, nas coisas que anuncia e inventa.

*José Inácio Vieira de Melo é poeta, autor dos livros *Códigos do Silêncio* (2000) e *Decifração de Abismos* (2002).

um dedo e meio de prosa

Após 17 anos me dedicando à publicação de livros de poesia, tomo coragem para fazer chegar ao público estes contos.

São contos de um principiante, mais acostumado a ler e se extasiar com os grandes contos da literatura universal, que a ousar navegar nos mares da prosa.

Mas, parodiando Nietzsche, é preciso publicar para nos “livrarmos” dos textos, esvaziando gavetas e deletando arquivos.

Há, aqui uma mistura heterogênea, que vai de alguns minicontos a um conto extenso, quase uma novela, que encerra o livro. Há contos de formato clássico, outros, modernos. Isso é, certamente, consequência da multiplicidade de minhas influências, ainda não totalmente “digeridas”: desde o maior escritor da língua portuguesa, Machado de Assis, ao contemporâneo panamenho-mexicano Carlos Fuentes, passando por Edgar Allan Poe, Jorge Luis Borges, Franz Kafka e Guimarães Rosa.

Longe de mim querer comparar meus textos à magnitude desse elenco de astros de primeira grandeza. Antes, que tome-se este livro como um modesto tributo a todos esses gênios que vieram antes de nós, e que o leitor, nos momentos em possa dedicar um pouco do seu tempo a esta leitura, encontre ao menos um parágrafo que lhe proporcione aquele raro e intransferível prazer que a literatura pode proporcionar.

Meu muito obrigado.

Goulart Gomes

sumário

malária, 15

virgindade, 21

Chagall e o fusca, 31

o precursor, 43

fazenda solidão, 45

Bilico, 51

o dia em que morreu Papai Noel, 55

memoricida, 61

fetichê, 63

o professor, 73

o instante da bala, 79

Guardian, 83

malária

para E. A. Poe e Carlos Fuentes

Você acredita estar dormindo e, entretanto, vê-se acordado: sonha estar acordado e sente-se deitado na cama, abdômen para o alto. A boca entreaberta, as pernas estiradas, os braços abertos, a coberta até o pescoço. Os minutos passam e você, acordado, cansa de estar dormindo naquela incômoda posição e resolve virar-se. Mas um corpo que dorme não obedece a um homem acordado ou... um homem que dorme não pode se dar ao luxo de mandar no seu corpo. Tenta mover um braço e não consegue, quer mudar de posição e não pode. Suas pernas parecem pesar várias toneladas e a coluna vertebral indica ter perdido seu ponto de apoio. Em um esforço conjunto tenta mover todo o corpo simultaneamente, mas a única coisa que você consegue é constatar que está aprisionado em seu próprio corpo.

Só seus olhos se movem. Olha o guarda-roupa à sua frente, as paredes à sua volta, o seu corpo sobre a cama.

Tenta, ainda, por diversas vezes, mover um braço, uma perna, um dedo que seja, sem êxito. Não lhe cansa a situação, mas a imobilidade.

Um inseto voador não identificado faz acrobacias aéreas e pousa, habilmente, em seu nariz. Visto dali, o inseto parece algo terrível, gigantesco, cheio de patas, asas e pêlos. Caminha por toda a região, ameaça entrar em uma de suas narinas, mas os seus cabelos impedem.

Frustrado em sua tentativa de espeleologista faz mais três ou quatro piruetas no ar e, após pousar algumas centenas de larvas no seu lábio superior, bate em retirada. Infelizmente.

Vem a monotonia e com ela o cansaço. Você tenta mover-se outra vez e não consegue. Só então você se lembra de gritar. Nada. A boca, a língua, os lábios não obedecem. Você consegue gemer ou, ao menos, acredita estar gemendo, mas ninguém o ouve. Para seu desespero nota que também o pulmão já adere à paralisção generalizada e o ar penetra com dificuldade. A asfixia aumenta, o suor porreja-lhe da testa, você sente que vai perder a consciência e no último momento de razão, acorda.

Só então você se lembra: a febre. Quase todas as noites ela retorna. Você, que alimentara o sonho de bamburrar, achar uma pedra grande no garimpo e ficar rico da noite para o dia, só digere pesadelos. As condições subumanas de vida, de trabalho, o desmatamento da região, os locais pantanosos: a malária.

Você se ergue da cama a custo, apanha o caneco, a moringa e bebe um pouco de água barrenta, suja, fétida. O Sol nasce e a febre seguiu a Lua. Você retorna à cama e aguarda que chegue, mais tarde, a mulher que você paga para lhe trazer as refeições.

* * *

Uma noite após a outra. Você já não quer dormir, tem medo do que possa vir a acontecer, mas o sono é mais forte. Tudo começa ao anoitecer, com uma moleza, uma dormência no seu corpo que aumenta com o frio. Surgem imagens, recordações, lembranças que vão tomando forma, ganhando vida. Você pensa na vida atribulada na selva paulista, a construção, a zoadinha infernal do trânsito lá embaixo, os companheiros que despencam dos andaimes, o dinheiro pouco, sempre contado, sempre faltando, a perspectiva de um

enriquecimento rápido nas minas de ouro no norte. A viagem e a doença. A miséria maior. A zona, a gonorréia.

Você se vê numa gigantesca planície branca, que está acima de você e não a seus pés. Ao longo, onde deveria estar o horizonte, um ângulo, outra planície branca, esta para baixo. Você descobre, então, que não é você, mas sim uma formiga. Você é uma formiga no teto e as paredes tornam-se gigantescos vazios. Assim você se sente: um nada no nada. Então você retorna, já como homem, a São Paulo e no meio do vai-e-vem de gente, você parado, procura interceptar as pessoas (nem você mesmo sabe com que objetivo) e elas passam direto, como se você não estivesse ali. Mas você não está ali, afinal, você está deitado em sua cama em algum lugar do norte do Brasil. Mas você quer ser ouvido, quer que alguém o tire da cama e lhe leve de volta à construção. E aí começa o mais trágico: as pessoas que você toca tornam-se uma massa marrom, disforme, pastosa e inconsistente, caindo, depois, ao chão. E as pessoas vão, assim, desintegrando-se, desintegrando-se, até que você fica sozinho, cercado arranha-céus em plena rua... sozinho. Você olha para cima e vê o Sol, o Sol entrando pela janela a lhe dizer que a noite e o pesadelo acabaram.

* * *

Dias e dias passam, a certeza de que não haverá mais noites normais se confirma. Num bordel da região toca No More Lonely Nights, de Paul McCartney. Parece cômico, mas há muito suas noites já não são mais vazias. “Eles” lhe acompanham.

O sonho daquela noite repete-se. Você se assusta e tenta levantar. Não consegue. Girar o pescoço, coçar o braço, abrir as narinas e nada. Então você percebe que não era por aí. O que você quer é impossível: levantar o corpo. Você tem, sim, que se levantar.

Você consegue erguer um dedo, e depois a mão. Não sabe como, mas agora se sente muito mais leve. Desce da cama, mas não toca o chão: seus pés ficam flutuando a um centímetro dele. Olha para trás e vê o corpo estirado na cama, pergunta-se como não pensara nisso antes: se o corpo lhe pesa, deixa-o. A sensação é boa, você só não sabe como voltar a acordar, mas isto já não tem muita importância. Acordar significa sentir-se fraco, doente, padecer até que a noite e a febre voltem. Lá, não. Não há dor, nem fome, nem febre.

O corpo na cama reclama, "Volte". Mas já não tem poderes. Uma luz brilha além da janela. Você passa pela porta e sai. "Volte". Nunca mais noites vazias, continua a música na vitrola.

* * *

A mulher, ao chegar pela manhã, constata que você não vai precisar da refeição.

Nunca mais.

virgindade

1

O céu, naquele final de tarde de outono, insistia em ser azul. Pura pirraça. O sol dourava as calmas ondas verdes que vinham acariciar o muro de pedras do Solar do Unhão, fazendo o pôr-do-sol ainda mais bonito. Da mesa do bar, sobre o píer, Ignácio lançava as cinzas do seu eterno último cigarro. Sentia um prazer especial em saber que aquela poderia ser a última tragada; vício tantas vezes prometido de ser abandonado. Enganava-se. Bem perto, grandes lanchas e iates ancorados. Há poucos anos tudo o que se via por ali eram rudimentares barcos a vela, jangadas habilmente manejadas por suados e sorridentes pescadores. Crianças, então, brincavam mergulhando nas partes mais rasas. Mas o sol e o mar, estes eram os mesmos, ainda e sempre.

Mércia não deveria demorar muito mais. Ele a conhecia há tempos. De todos os encontros que marcaram, a nenhum ela chegara no horário combinado. Em um dos iates que aportavam, moças completamente embriagadas dançavam,

seminuas. Lindos corpos, como lindo era o corpo de Mércia. A possibilidade de poder revê-la levava-o a cancelar o último atendimento que faria naquela quarta-feira.

O mar, já cor-de-chumbo; o sol, antes vermelho, submergira completamente na linha do horizonte. As moças nuas desapareceram para dentro das embarcações, levadas por seus anfitriões. Que loucuras não estariam fazendo, embalados pelo vai-e-vem das águas da Baía de Todos os Santos? Enquanto as luzes do bar não eram acesas, uma leve penumbra ia tomando conta do local, mas aquela silhueta que agora caminhava em sua direção era inconfundível.

— Boa tarde, Ignácio. Ou já seria boa noite?

— Com você por perto é sempre dia.

Quase impossível não sentir aquele friozinho na barriga, ao ouvir sua voz. Sim, Mércia continuava tão desejável quanto nos tempos da universidade. Um lerdo garçom aproximou-se a passos de jabuti. Tônica com limão para ela; para ele, um licor de pêssegos. Gostavam de ficar se olhando, como se nada mais restasse a ser dito. Tudo o que sentiram, no passado, tudo o que ficara pelo caminho, não necessitava de explicações, nem porquês. Não aconteceu, isso é tudo. Mas o jeito como ela umedecia os lábios com a língua, o modo como

a mão dele tremia, segurando o cigarro, os denunciava. Falaram dos seus trabalhos, dos amigos em comum e dos livros que estavam lendo, antes de chegar à família. Ambos eram divorciados, tinham filhos na mesma faixa etária: esse o motivo principal, pelo qual Ignácio havia convidado-a para aquela conversa de final de tarde.

— Algum problema com o Flávio?

— Problema? Não exatamente. Você sabe, ele tem quatorze anos. É a época em que os meninos costumam passar um tempo maior no banheiro, folheando a Playboy.

— Alguma coisa contra? Com você não foi assim?

— Claro que foi. Mas nós podemos lhe oferecer mais do que fotografias coloridas.

— O que você quer dizer com “nós podemos”?

— Eu quero que a primeira noite do meu filho com uma mulher seja muito especial. Mércia, não apenas para a mulher a primeira vez é importante, para o homem, também. Pode influenciá-lo para o resto da vida.

— E onde é que eu entro nesta história?

— Eu sei sobre Mila.

Mila tem dezoito anos. A princípio Mércia não se incomodou com os presentes que a filha recebia do namorado.

Namorado, aliás, que ela nunca via. Mas os presentes se tornaram cada vez mais freqüentes e mais caros. E a cada dia seus passeios noturnos mais demoravam, entrando pela madrugada. Um certo dia, insone e preocupada, observou a chegada da filha, lá pelas três horas. Mila saltou de um carro de luxo. À direção, um homem de cabelos grisalhos, que lhe deu um voluptuoso beijo na boca, enquanto corria as mãos entre suas coxas, para debaixo da exígua minissaia. Mércia ainda quis negar a si mesma o óbvio. Depois veio a ira, a intolerância, o desespero.

— Mãe, eu quero muito mais do que você pode me dar. Eu quero bons jantares, boas bebidas, boas companhias, diversão e dinheiro. Mais dinheiro do que você ganha no seu trabalhinho medíocre.

Pela primeira – e última – vez batera em Mila. Mércia passara semanas recusando-se a enxergar o que era evidente, agora não podia condenar a filha pelo caminho que escolhera. Mila buscava o que ela mesma nunca tivera, e do modo menos difícil. No princípio fora um inferno, não conseguia sequer encarar a filha. Mergulhou numa profunda depressão, o sentimento de culpa levando-a ao desespero. Depois, como a quem se amputa uma parte do corpo, começou a adaptar-se à

nova situação. Resignou-se. Lembrou que a ninguém é dado conduzir o destino dos outros.

— Como você descobriu, Ignácio?

— Numa sexta-feira saí do trabalho com o Alfredo e fomos até um bar, beber um pouco, trocar umas idéias. Ele me disse que só poderia ficar até as nove horas, pois tinha marcado um encontro com uma garota de programa, ali mesmo. Às nove horas, pontualmente, Mila chegou. Lógico que me reconheceu, mas agiu com a maior naturalidade, como se ela e Alfredo fossem velhos amigos, e nada mais que isso. Foi com dificuldade que consegui disfarçar o meu assombro, dar uma desculpa esfarrapada e ir embora. Passei a noite entre dúvidas alucinantes. Não sabia se contava a você. Para mim, Mila é quase uma filha; a filha que nós poderíamos ter juntos.

— Deixe o passado onde está.

— Você sabe que eu teria feito qualquer coisa para ter ao menos uma noite de amor com você.

— Nós éramos jovens, Ignácio. Aquela moça bonita que você conheceu não sou eu.

— Nem eu sou mais aquele rapaz crédulo. Crédulo como é o Flávio. Não quero que ele cometa os mesmos erros que eu.

— Você está querendo que eu intermedie um encontro dos dois, é isso?

— Não era exatamente isso o que eu tinha em mente. Se fosse para comprar os favores de uma garota qualquer, eu não iria procurar logo a Mila. Não quero que Flávio saiba que estou “patrocinando” sua primeira noite. Converse com Mila, diga a ela que se aproxime de Flávio, como uma amiga, seduza-o e leve-o para a cama.

— Por que você mesmo não fala com ela?

— Não seria nada fácil para mim. Como eu lhe disse, apesar de tudo tenho um imenso carinho pela menina.

Sobre as ondas, agora, havia um brilho de estrelas. Nos olhos de Mércia também a lua se refletia. Ela suspirou profundamente e esboçou um sorriso de contentamento. Gostava muito dos dois jovens. Agradava-lhe a idéia de sua filha fazer amor com o filho do homem que tanto gostava.

Mila aceitou a “missão” sem maiores dificuldades. Além da generosa “recompensa” que Ignácio estava oferecendo, paga antecipadamente, Flávio não lhe parecia de todo mal. A aproximação foi natural, tranqüila. Em três semanas ele já estava perdidamente apaixonado. À distância, os pais observavam. Intimamente, torciam para que tudo saísse a

contento. Por extensão, era como se os dois revivessem uma história de amor perdida no tempo, como se eles próprios estivessem se reencontrando, vinte anos depois, tendo uma nova chance.

2

Ignácio não conseguia dormir. Habitara-se à presença de Flávio em casa todas as noites, a conversar um pouco com ele, antes de ir para a cama. Naquela noite, porém, ele fora estudar na casa de um colega, e ficaria por lá. Relembrou-se, então, das raras insônias que tivera, quando adolescente. A casa em que morava ficava próxima a três igrejas e em cada uma delas padres ou frades (nunca sabia a diferença) revezavam-se a noite inteira, marcando o intervalo dos minutos e das horas com os sinos: quinze minutos, uma badalada; trinta minutos, duas badaladas; quarenta e cinco minutos, três badaladas; sessenta minutos, quatro badaladas fracas e mais algumas fortes, uma para cada hora. Aquilo, numa noite sem sono, era um tormento. A cada quinze minutos o sino anunciando que a noite ia embora e o sono não chegava.

Agora, em seu quarto, habitava apenas um despertador que fazia "cloque" a cada segundo. Sessenta cloques, um minuto. Era como contar carneirinhos para dormir.

Às onze horas ele ouviu um barulho na fechadura da porta principal. Teria Flávio voltado sem avisar? Não se deu ao trabalho de levantar. Se fosse Flávio, ele viria dar "boa noite" antes de ir para o seu quarto. Ouviu a porta sendo aberta, fechada e trancada por dentro. Instantes depois, uma sombra anunciou a presença de alguém e, logo a seguir, uma fascinante silhueta de mulher desenhou-se à porta do seu quarto. Ela usava um vestido comprido, de alças. Ainda da porta, deixou-o cair sensualmente, revelando um delicioso corpo, completamente nu. Ela foi até a cama de Ignácio, deitou-se ao seu lado e o abraçou.

— Mércia! O que está fazendo aqui — gritou, espantado, o coração quase explodindo.

— Eu que lhe pergunto isso — replicou ela, completamente desconcertada.

— Ora, esta é a minha casa!

— Mas era Flávio quem deveria estar aqui e não você.

— Como? Eu não estou entendendo nada! Como você conseguiu entrar? O que quer com Flávio?

— Calma, Ignácio, vou tentar explicar: hoje, pela manhã, Mila me falou que havia combinado com o Flávio de encontrarem-se aqui, à noite. Segundo ela, ele contou que você estaria viajando e lhe deu a chave do apartamento. Ele a esperaria aqui, em sua cama, e então teriam a sua primeira noite. Mas Mila sentiu-se insegura, disse que não iria conseguir transar com um menino, estava acostumada com homens mais maduros e achava não ter a experiência necessária para esta "iniciação". Como nós somos fisicamente muito parecidas, pediu-me que viesse em seu lugar.

— E você aceitou!?

— Sim, mas não sem hesitar muito. De repente, para mim, era como se eu voltasse vinte anos no tempo, àquele dia em que você desenhou meu nome com pétalas de rosas vermelhas em sua cama, e eu disse "não". Era o seu corpo que eu teria, no dele, e seria o seu nome que eu iria gritar, quando atingisse o orgasmo.

— Então, eles nos pregaram uma "peça"! Uma maravilhosa "peça"! Espero que não lhe incomode passar a noite com um "Flávio" vinte anos mais velho, Mércia.

— Incômodo algum.

Quem pudesse sobrevoar a Baía de Todos os Santos naquele instante, iria ver uma solitária escuna ancorada no meio do mar. Na popa da embarcação, Mila, completamente bêbada, seminua, dançava diante dos olhos extasiados de Flávio.

— Não se esqueça de agradecer a seu pai, Flávio, por ter nos proporcionado esta noite maravilhosa!

Chagall e o fusca

Aquela reprodução de um quadro de Marc Chagall, dependurado na parede do play-ground, era uma das coisas que mais o incomodava. Aliás, não apenas aquela tela o incomodava, mas todas as ridículas telas de Chagall o incomodavam. Maior incômodo apenas o daquele fusca, azul como uma tela de Chagall, estacionado bem próximo à saída da garagem do seu prédio, dificultando-lhe as manobras. A princípio ele pensou que o fusca ia ficar ali por pouco tempo. Mas passou-se um dia, mais outro e já duas semanas completar-se-iam, amanhã. O fusca continuava lá, parado, um dos pneus já semivazio. O Chagall podia esperar, mais cedo ou mais tarde se livraria dele, já pensara em diversas possibilidades: candidatar-se a síndico do prédio e realizar uma reforma, descartando o quadro; presentear o condomínio com um quadro mais bonito, em troca da daquele ou, mesmo, roubá-lo, na calada da noite, quando até o vigia já estivesse dormindo, em seu posto. E ele dormia, tinha certeza. Não poucas vezes flagrara-o em pleno sono, madrugada alta, quando chegava das suas farras ocasionais. Como alguém

poderia gostar dos quadros de Chagall? Imagens sem sombra, sem luz, sem perspectivas, bichos com cara de gente, gente com cara de bicho! “Qualquer criança de seis anos pinta melhor”, confessava-se, ocasionalmente.

No início da terceira semana já não agüentava mais. Não o Chagall, mas o fusca. Alguém tinha que tomar uma providência. Aquele carro não poderia continuar ali, aguardando indefinidamente. Esperou mais uma semana e nada. Completava-se um mês que o fusca estava ali, já fazia aniversário. Pela manhã, antes de ir para a redação da revista cultural onde trabalhava, liga para o departamento de trânsito: Senhor, o número da placa informado não existe, Como, não existe? Eu estou agora mesmo, daqui da janela do meu apartamento olhando para ela, Infelizmente, senhor, informa a gentil voz feminina do outro lado da linha, o veículo não poderá ser rebocado, uma vez que ele não existe nos nossos registros. Obrigado por sua ligação. Pi, pi, pi, pi, pi...

Mateus lembrou-se do Roque, e que ele lhe devia um favor. Foi quando ainda era repórter policial. Roque estava em vias de ser promovido a major da polícia militar, mas fora flagrado pela câmera do jovem repórter surrando um menino de rua. Aquilo, sim, daria uma manchete e tanto na página dezoito do primeiro caderno! Roque o procurou, foi educado, pediu desculpas, disse que tinha sido um impulso, contou-lhe a

situação. Mateus tomou a acertada decisão de trocar um “furo” jornalístico por um favor. Afinal de contas, não seria o último abuso aos direitos humanos a ser cometido em Salvador. Apelou para o “amigo”. Algumas horas depois, a resposta:

— Mateus, a informação que tenho não é das melhores. A placa do carro que você citou foi apagada dos registros do departamento de trânsito. Isso mesmo que você ouviu: apagada, deletada, eliminada. E posso lhe garantir uma coisa: quando isso acontece, o caso é grave. Cuidado com o que você está mexendo, rapaz, não quero ter que lhe colocar no fundo de um camburão. E mais: eu não lhe disse nada, hem? Me tire de problema!

Por pouco Mateus não entra em pânico. Sua última chance de conseguir fazer com que o fusca fosse rebocado ia por água abaixo. Ninguém podia rebocar um carro que não existia. Será, então, que o fusca existia apenas para ele? Antes de ir para a redação - e após ter passado mais uma vez pelo Chagall - quis se certificar.

— Seu Antônio, o senhor está vendo aquele fusca parado ali? — perguntou ao zelador.

— Qual? Aquele azul? Claro, Seu Mateus, tem mais de mês! — pelo menos não era uma ilusão de ótica.

— E você sabe se ele pertence a algum morador aqui da rua?

— Sei não, Seu Mateus. Eu só via a moça que dirigia ele entrar naquele prédio ali de frente, mas não sei se ela mora lá, não. O senhor pergunte ao Chico, o porteiro de lá.

Sem perda de tempo Mateus vai até o prédio vizinho e interroga o homem. Ele garante que a moça não morava lá, só aparecia de vez em quando. Era do 607 que por sinal, está para alugar. A chave ficava na portaria, mesmo. Mateus a pede e vai até o apartamento. Ele estava mobiliado exiguamente. Cama, fogão, geladeira, som, sem televisão. No quarto ainda se podia sentir um leve perfume: Eternity. Mateus abriu gavetas, levantou o colchão, buscou alguma pista sobre a misteriosa mulher em todos os cômodos, e nada. Já estava atrasado para o trabalho. Anota o telefone da imobiliária e vai embora.

Fevereiro chegava ao término, mas o calor ainda era infernal. Em alguns pontos da mal lavada cidade ainda recendia o forte cheiro do mijo do carnaval. Na redação, uma desagradável notícia o esperava.

— Mateus, uma viagenzinha o aguarda. — informou Ricardo, o redator-chefe — Mas não se preocupe, é aqui para perto, em Cruz das Almas. Na seção de artes plásticas da edição de março vamos fazer uma homenagem ao aniversário de morte de um grande pintor: Marc Chagall, que morreu no dia 28. Matéria de capa, viu? Fui informado, na Escola de Belas Artes, que a maior especialista baiana em Chagall, Antonieta Melo, mora em Cruz das Almas e só vem a Salvador raramente. Não podemos esperar sua próxima vinda, então, tenho que mandar você até lá.

Que droga, pensou Mateus. Além de ser o merda do Chagall, aquela viagem inesperada iria atrapalhar suas investigações, adiando ainda mais o fim do fusca. Pensou em recusar o trabalho, mas Ricardo andava com os nervos à flor da pele: problemas conjugais. O chefe liberou-o do expediente à tarde, para que ele tivesse tempo de pesquisar alguma coisa sobre o pintor, antes da viagem. Ainda pela manhã ligou para a imobiliária que estava alugando o 607. Para sua sorte ela ficava no bairro dos Barris, pertinho da Biblioteca Central.

De estômago revirado colheu as informações básicas necessárias sobre Chagall e, da biblioteca, foi à imobiliária. Após muita conversa, idas, vindas e discussões sobre o último

jogo do Bahia contra o Vitória, no Estádio da Fonte Nova e qual a praia que estava sendo mais freqüentada pelas mulheres naquele verão, Mateus chegou aonde queria: ganhou intimidade com o agente imobiliário, que lhe confessou, como quem conta um segredo de confessionário, que o locatário anterior havia suicidado. Ele sonegava aquela informação a todos, lógico, temia que julgassem ser o apartamento mal-assombrado, mas resolvera lhe contar, ele lhe pareceu um bom sujeito e, ainda mais, torcedor do Bahia!

O nome do suicida não lhe era estranho, talvez alguém da política. Estava afastado das redações dos jornais, por isso não se lembrava. Foi em busca de Augusto, seu antigo colega, na redação do A Tarde.

— Claro que sei quem é o homem, Mateus! Ele era secretário do governo. É verdade, suicidou há pouco tempo, e por mais que todos os jornalistas da Bahia tentassem descobrir o motivo, ninguém conseguiu saber de nada! O segredo foi com ele para debaixo de sete palmas, no Cemitério do Campo Santo.

Augusto conseguiu uma cópia da matéria. Na foto do funeral, muitas conhecidas personalidades do meio político local. Em segundo plano, uma discreta mulher, de cabelos

claros (talvez louros, a foto era em preto-e-branco) e óculos escuros destacava-se pela sua beleza.

No dia seguinte, após passar pelo Chagall e pelo fusca, Mateus seguiu para Cruz das Almas. A redação se incumbiu de fazer o primeiro contato e marcar a entrevista com a *expert*. A casa era espaçosa e os tons de azul e lilás com que era pintada demonstravam a preferência da proprietária.

Quando a porta foi aberta, Mateus empalideceu, sentiu as pernas tremerem-lhe, apoiou-se no contramarco e mal conseguiu balbuciar o “bom dia”. Era ela. Antonieta Melo era a mulher da foto!

Passaram juntos toda a manhã. Antonieta falava de Chagall com um entusiasmo contagiante. Seus olhos, quase sempre vazios como os de uma modelo de Modigliani, brilhavam ao falar dos momentos mais intensos da vida do pintor judeu-russo, a sua contínua fuga dos conflitos bélicos que assolaram a Europa do início e meados do século XX, do seu amor por Bela Rosenfeld, a mulher da sua vida. Mateus tentava acompanhar, registrar, no papel e no gravador, tudo o que de mais importante ela dizia. Mas seu pensamento voava. Não poucas vezes pensou em perguntar o que estaria fazendo ela naquele funeral. Seria amiga da família? Teria conhecido o falecido? Controlava, a custo, a sua curiosidade. Convidado para o almoço, aceitou. Mas, mesmo enquanto comiam, o

assunto era Chagall. Após o almoço, a despedida. Antonieta declarou-se muito honrada com aquela deferência da revista, mandar um jornalista tão longe somente para entrevistá-la! Mateus garantiu que foi um prazer. Como se não bastasse, Antonieta emprestou-lhe um dos vários livros que possuía sobre o pintor, para que ele o lesse e obtivesse ainda outras informações, que tivessem porventura escapado. Devolveria-o na primeira oportunidade ou enviaria-o pelos Correios, registrado, por segurança. No abraço de despedida sentiu o delicioso aroma do Eternity de Antonieta.

A dúvida o acompanhou por todo o caminho de volta, na estrada, sobre as águas azuis da Baía de Todos os Santos, enquanto fazia o percurso Itaparica-Salvador, a bordo do ferry-boat. Em casa, colocou sobre a cama a reportagem, com a foto em que Antonieta aparece ao fundo, e o livro que ela emprestara. Tomou um banho e, de volta, começou a folheá-lo. “Sou feliz”, dizia Chagall em um trecho, “creio em Deus, na pintura e na música de Mozart”. No livro, uma fotografia da tela cuja reprodução habitava o play-ground. Era **O Aniversário**, pintado em 1915. Nele, um casal de amantes flutua pelo ar, em plena liberdade.

O sono, devido ao cansaço da viagem, o tomou repentinamente. Só voltou a acordar pela manhã. O livro, emprestado com tanto carinho e com tantas recomendações,

estava caído no chão, dorso para cima, folhas amassadas. De dentro dele saía um papel. Um papel com timbre de telegrama. *“Meus amigosvg descobri tudopt Tenho provasvg um dossiet completovg fotos comprometedoraspt Precisamos conversarpt”* A assinatura era de um poderoso “cacique político” local.

Na redação, lançou-se vigorosamente a escrever o seu artigo sobre Chagall. Nos intervalos, juntava as peças daquele quebra-cabeça, desencontrado como um quadro do mestre que viveu por quase cem anos. À tarde não resistiu e ligou para Antonieta.

— Antonieta, dentro do livro que você me emprestou havia um telegrama. — Ouviu um suspiro vindo da agora distante Cruz das Almas — Eu acho que sei o que aconteceu entre você e o...

— Não podemos falar disso por telefone, Mateus. Venha até aqui.

Mateus alegou que a conversa que tivera com Antonieta não fora o bastante para elaborar o texto e precisava retornar lá no dia seguinte. O chefe objetou, resmungou, protestou, criticou sua falta de profissionalismo e negou a verba. Mateus foi, por conta própria.

Antonietta estava com um vestido escuro, que contrastava ainda mais com seus cabelos louros. Era, realmente, muito bonita. Colocou um disco de Mozart. A música que tocava era o Concerto Para Piano e Orquestra Número 21, Primeiro Movimento, se não se enganava.

— Encontrei-me com ele, pela primeira vez, num vernissage no Museu de Arte Moderna. Ele era admirador das artes plásticas. Quando o conheci não sabia quem era, do cargo que ocupava, das responsabilidades que tinha. Era um homem encantador, acredite. A princípio encontrávamo-nos em restaurantes e depois, invariavelmente, íamos a algum dos bons motéis da cidade. Até que um dia ele começou a desconfiar que estávamos sendo seguidos, talvez até fotografados. Foi então que tivemos a idéia de alugar um apartamento na Barra. Presenteou-me com um carro, um lindo fusca azul, para que eu não precisasse ficar indo de ônibus para Salvador. Um certo dia ele me disse que estava sendo pressionado a fazer coisas que não poderia, concessões ilegais, espúrias. Descobriram nosso caso, fomos chantageados de várias formas, ameaçados. Uma delas foi o telegrama que você encontrou. Eram enviados para mim e para ele. O remetente chegou ao cúmulo de dizer que eu até poderia amenizar a situação, se também me dispusesse a

“jantar” com ele. Canalha! Ele conseguiu matar o homem que eu amava. Da última vez fui a Salvador, no dia e horário que havíamos combinado. Antes de ir ao apartamento, comprei um jornal para ler enquanto o esperava. Seus compromissos faziam com que se atrasasse, eventualmente. Na primeira página a manchete: Secretário comete suicídio com tiro no peito. Saí do apartamento completamente desorientada, sem saber para onde ir, sem destino. Nunca mais retornei àquela rua. Foi isto o que aconteceu, Mateus. Espero, apenas, que respeite minha dor e não transforme minha história numa matéria folhetinesca.

De volta para casa, Mateus passou outra vez pelo fusca, já com os quatro pneus completamente vazios, pelo Chagall. Ambos não mais o incomodavam. Ao contrário, sentia por eles até uma certa ternura. Pudessem, manteria os dois eternamente ali, símbolos da maior história de amor que já presenciara. O fusca acabou sendo "depenado", enferrujou exposto às intempéries e, um certo dia, quando voltou do trabalho, não mais o viu por lá. O quadro de Chagall, no play-ground, desbotou com o passar do tempo, foi alvejado por chicletes e digitais, até se tornar descaracterizado o bastante para ser retirado da parede. Mateus concluiu seu artigo com uma frase de Bela Rosenfeld, sobre aquele quadro que ele odiava e

depois aprendera a respeitar: “Através de uma janela, uma nuvem e uma mancha de céu azul chamavam por nós. As paredes brilhantemente decoradas giravam à nossa volta. Voamos sobre campos de flores, casas com persianas, telhados, jardins e igrejas”.

A edição de março da revista foi a mais bonita de todas que a editora conseguiu fazer nos poucos anos de sua existência.

o precursor

para Franz Kafka e Jorge Luis Borges

Quando ele acordou sobressaltado, pela manhã, lembrava-se nitidamente do sonho que tivera. No sonho - ou melhor, no pesadelo - ele via um gigantesco inseto que, deitado em sua cama, sonhava com Gregor Samsa. Desde então nunca mais teve paz. Atormentava-o a dúvida de não saber se simplesmente sonhara ou, ao contrário, realmente era ele o sonho do inseto. De uma coisa, contudo, estava certo: nunca mais leria Jorge Luis Borges.

fazenda solidão

Mormente o chão ficar dessa tez, que nem asa de graúna, mode o piche chamado asfalto, as coisas pouco mudaram. Desta varanda, donde meu pai espichava os ossos, na madorna depois do almoço, só se enxergava ocre, cor de terra pisada e cagada de boi, até o horizonte.

As coisas se eternizavam. Mal o sol acordava já os galos seguiam seu rastro. Nós, depois. Dentes limpados com folha de juá e o cheiro de estrume saudava, antes do vapor do bule de café. Pilado ali mesmo, com porretadas firmes: tum - tum - tum - creque - tum - tum - tum - creque.

E o resto do dia era relando o traseiro na sela da montaria, catando gado como quem cata piolho, nas carapinhas do sertão, entre um e outro aboio.

— Pintado, Pintado! Malhada, Malhada! Estrelinha, Estrelinha! Tinhoso, Tinhoso! Ê, gado, ê gado!

A bênção do Velho Chico, matando a sede, lavando roupas e almas. Honra, não, que essa só sangue afoga, todo caboclo sabe.

Mas falava do almoço, e meu pai nele.

Comida vária, cachaça e pimenta-de-cheiro. Malagueta, às vezes, de dar escorredeira nas ventas e água nos olhos. Isto para mim, que era moleque. Meu pai esmagava, mascava, ruminava, feito suas reses. Pior só seu rapé, misturado com folha moída de umburana e demais. Guardava-o numa boceta, fixe na algibeira.

Mas falava do almoço, e meu pai nele.

Silêncio de sacristia. Sem camisa, não. Peito guardado do vento, por respeito e resguardo. Convém evitar espinhela caída. O velho à cabeceira, a mãe, da cozinha para a sala, no vai-e-vem de pratos, travessas e panelas de ferro. Todos os irmãos, presença obrigatória. E comida farta, como farta inda é. Só não os filhos, que nenhum Deus me deu. Irmão sempre procura desavença: uma carne mais torrada, a coxa do frango, a casca do pão... E meu pai sério por fora e sorrindo por dentro, hoje eu sei, dos nossos rompantes.

Crescidos, tomaram rumos vários. Quase todos na querência de serem "doutores" de anel no dedo, e arribaram para não sei quantas e quantas capitais. As mulheres, casadoras e parideiras, hoje cuidam dos filhos seus.

Eu por aqui me acoitei, vendo as coisas mudarem lentamente, cada vez mais grisalhos os cabelos. Até um pé de parabólica, que plantei, nasceu.

Fui eu quem fechou os olhos do velho, derradeira diligência, e atendi seu último desejo:

— Fio, panhe acolá uma ruma de terra do currá e me faça um trabisseiro. Quero suspirar com esse cheiro nas venta.

E assim foi. Tenho para mim que morreu contente, se morte é coisa que se alegre. Pensei de ver, também, filho meu crescendo como os pé-de-pau. Quem vai fazer meu travesseiro de estrume? Talvez Noêmia, servidora de forno, fogão e esteira.

— Alô.

— Alô. Ernesto? Como vai?

— Aqui, como Deus quer. E você?

— Bem, obrigada. Liguei porque Fábio vai fazer aniversário, sexta-feira, e queria lhe convidar para uma festinha que vamos fazer para ele. Você sabe, ele vai fazer dois anos... é o tempo que eu não lhe vejo.

— Carecia ter trabalho? Agradeço pela lembrança mas, você sabe, é uma tirada e tanto até aí. Fica para outra vez. Oportunidade não houvera de faltar, né?

— Está bem. Um abraço. Tchau.

— Outro. Até mais.

Não sei da tenência desse telefonema. Ela sabia que eu não iria. Certamente a saber se vivo estou. Dois anos, já. Dez anos que a conheço. Não fui e não vou. Ela devia de estar abancada aqui, tomando conta de mim e deste mundo de coisas. Mas não, preferiu os cinemas, as praias, os chópingues, as coisas da cidade. Viagem para a Europa, Estados Unidos, roupas caras, jóias? Isto eu também podia lhe dar, e bem mais. E nem fazia questão de amor, que isso é coisa de poeta, bastava me aquecer o corpo. Mas não. Agora fica assim, ligando como quem faz caridade. Um marido que nem lhe tem serventia. Dizem que nem cria ele sabe fazer. Dessa arte eu lhe dei conta, ela sabe, meses antes de se casar. Agora não lhe quero, nem que me desse o filho que já tem. Casou emprenhada, para amarrar o besta.

Quem bem sabe? Deus escreve certo em arame farpado. Nem quero saber que fim leva essas terras, sem um dono, que um dia tudo se acaba. E acaba infestada de bandeiras vermelhas, ou cheia d'água. O sertão não vira mar? O sertão

não virá a amar? O ser tão mar não vira? O ser... não... vir... amar... tão - tão - tão. Zoada de porrada desamassando panela. Eu carecia mesmo era de não olhar tanto para trás. Ver, além de mim, um fruto, um futuro: um filho, para falar de seu pai aos seus filhos. Mas ela, já vai tarde!

— Noêmia! Bota a mesa pra janta que já tem lua! E bote dois travesseiros na cama, que hoje é sábado, dia de dormir mais tarde.

Diacho de rede que me acaba as costas!

Bilico

Albérico Cavalcanti Alvarenga Silveira era, sem dúvida alguma, o mais conhecido aluno do colégio interno. Ganhara o apelido – Bilico – da meninada que achou que era muito nome para pouca gente. A princípio ele não gostou muito do apelido, mas como calouro não tem direito a reclamar de nada, ele foi deixando, deixando e acabou se acostumando.

"Bilico", ele pensava, "até que não é tão mal. Podiam ter escolhido um apelido melhor... ou pior. Deixa assim. Fico sendo Bilico, mesmo."

Não demorou muito para ele se tornar conhecido nos outros pavilhões do Colégio. Um corpo alto e magro, quase esquelético, dançando dentro do uniforme folgado, o sapato grande como o nariz e as orelhas e o que era mais marcante e dava o toque final a esta excêntrica figura: os óculos, grandes para o seu estreito rosto, de armação pesada, tipo tartaruga, de lentes grossas, sempre a escorregar-lhe do nariz fino e gorduroso, a calejar-lhe as orelhas.

E justamente aqueles óculos é que era o ponto fraco de Bilico. Que remexessem em suas gavetas, afixassem seu

material escolar, riscassem seu uniforme e até comessem a merenda que sua mãe lhe trazia semanalmente, mas que não lhe tirassem os óculos. O "banana" do colégio se transformava numa verdadeira fera, atacava o agressor, tomava-lhe os óculos, ia às vias de fato. Na expressão "calcanhar de Aquiles" ninguém naquele colégio ouvira falar, mas "óculos de Bilico" era de uso corrente.

Todos sabiam quem ele era, todos o consideravam o intelectual, apesar de que ele não era nada de tão extraordinário assim; todos o consideravam um fracote, apesar de nunca terem visto demonstrações suas de covardia; todos o consideravam, feio, sem nunca se deterem para notar a sua beleza interior.

Bilico ajudava os colegas para os exames mensais, "passava colas", dividia seu material, seu lanche, seu tempo e até seu dinheiro com os colegas. Dividia a atenção e o coleguismo igualmente e, no entanto, não tinha um amigo de verdade, alguém em quem pudesse confiar. Todos queriam explorá-lo, ninguém queria ouvi-lo.

Estava sempre à margem de todos os acontecimentos, exceto os da sala de aula. Ele não brincava nem jogava bola; não mexia com as meninas nem atirava pedras nos descuidados passarinhos que tinham a ousadia de por ali passar; não ia aos piqueniques nem às pescarias. Seu mundo

resumia-se ao seu armário, onde guardava os livros escolares e de aventuras que os pais lhe traziam. Quando não tinha nada a fazer e já estava cansado de ouvir as piadinhas que os colegas faziam a seu respeito, Bilico deitava-se em sua cama e começava a ler as histórias de Ivanhoé, Robin Hood, Os Três Mosqueteiros e tantas outras, talvez sonhando em um dia ser um deles.

Mas, naquele dia, Bilico não conseguia concentrar-se na leitura. O alvoroço era grande. Haveria um passeio a um rio próximo do Colégio no dia seguinte, com natação, pescarias e tudo mais. Os alunos reuniam-se em pequenos grupos nos corredores, nos quartos, nos jardins, nas salas, em todos os lugares para combinar diversões e jogos que iam fazer. "Parece que vai ser muito divertido", pensou Bilico, e assumiu imediatamente a idéia que desde logo o assaltou: ir também.

.....

Os meninos estavam admirados. Enfim o bobão, o casca-grossa do Bilico resolvera entrar para a turma e se divertir um pouco. Bilico sentiu no ar que alguma coisa havia mudado. Ele surpreendera a todos e iria mostrar do que era capaz, de que não entendia só de livros, que era um jovem como outro qualquer, apenas um pouco mais reprimido que o normal.

Ao chegarem, nem tudo saiu como ele esperava. Logo a garotada reenturmou-se e começou a nadar, pular, gritar, se divertir. Bilico foi novamente esquecido a um canto. Subiu a uma imensa rocha e ficou de lá, olhando a garotada se esbaldando. Seu sossego, porém, não durou muito tempo. Logo alguém lá de baixo o descobriu e gritou:

— Mergulha daí, Bilico!

— Pula, Bilico! - gritou outro.

— Pula, pula, pula - gritava a meninada em coro.

Bilico, naquele momento, rememorou toda a sua vida escolar, desde quando chegara ao colégio há dois anos, mais bobo ainda, em tudo o que o fizeram passar por sua passividade, suas pequenas alegrias e suas imensas tristezas e concluiu que aquele era o momento de pôr um ponto final em tudo, mostrar que ele era também capaz de fazer tudo que os outros fazem... e pulou.

O corpo de Bilico ainda veio dar à tona uma ou duas vezes, para depois desaparecer definitivamente. Seus óculos foram encontrados algumas horas depois, na margem esquerda do rio.

o dia em que morreu Papai Noel

O presidente da república perpetua-se democraticamente no poder já faz oito anos. Sustentado por um discurso ao mesmo tempo intelectual e falso-populista, apoiado pelas oligarquias reinantes - latifundiários, banqueiros e pelo capital apátrida - declara fazer tudo pelo social, conquanto o povo sinta na pele não ser isso exatamente verdadeiro. Os pobres continuam pobres (o que para muitos deles é considerada uma vantagem), os ricos ainda mais ricos (o que para todos eles é uma vantagem) e a classe média, sucumbida sob centenas de contas pelas quais não deveria pagar - saúde, segurança, educação, cultura, saneamento - refugia-se no prazer de comprar um carro novo, ainda que usado, e passar cinco dias dançando ou dormindo durante o Carnaval.

Cai a inflação, sobe o desemprego. Você está parado na calçada, em frente à porta giratória, eletrônica, antifurto, blindada e guarnecida por um vigilante. Tira do bolso sua penca de chaves e o celular (pré-pago), último resquício das suas incursões pelo mundo do consumo. Coloca-os no local

indicado, passa pela porta sob o olhar atento de Cérbero. Sempre o mesmo inferno, nunca o mesmo guardião.

A moça sorridente da recepção, tão artificial quanto seu perfume, indica-lhe onde sentar. Seis anos como cliente. Na agência, cada vez um maior número de máquinas e menor de seres humanos. O sorridente gerente de farto ventre, costeletas grisalhas, bochechas rosadas e gravata cafona está atendendo outra pessoa. Parece contente, talvez pela abertura de uma nova conta. Quem sabe de alguma nova empresa, que não sobreviverá cinco anos. A pequena árvore de Natal pisca intermitente e aquela musiquinha chata não pára (bim-bim-bim, bim-bim-bim). No caixa, um magro velho recebe sua magra aposentadoria, após redigitar a senha cinco vezes. "Esqueci os óculos". Lá fora, na rua, as pessoas caminham apressadas. O relógio, na parede, lembrando um personagem de conto de Haroldo Barboza, tudo observa, nada revela, tiquetaqueando cada vez mais lentamente. O tempo não passa.

Você relembra seu tempo vivido como bancário: lançar o livro Razão, conferir o Diário, ordenar os cheques para a compensação. Tudo distante, tudo hoje por conta do computador, aumentando a legião dos "inempregáveis". Você mesmo, um deles. A conversa do gerente se estende, mas para você a espera não é problema, mas sim a dúvida. Nada mais lhe resta a fazer hoje, já levou e apanhou os meninos no

colégio, já folheou os classificados do jornal em busca de alguma oportunidade. As agências bancárias, à tarde, são geralmente mais tranquilas.

Finalmente, a sua vez. Você conta a sua história: está desempregado, endividado, precisa de dinheiro. O gerente, que era sorridente, agora tem uma fisionomia séria, compenetrada. Ouve-lhe com frieza, quase com indiferença. Interrompe o seu relato duas ou três vezes, para atender ao telefone. Você tenta controlar a ansiedade. Final de ano, as despesas aumentam. Precisa de algum dinheiro até conseguir um novo emprego, ainda que temporário. Enquanto fala, o gerente consulta, no computador, todos os seus dados. 41 anos de idade, casado, dois filhos. Uso habitual do cheque especial, nenhuma aplicação, nunca fez poupança, nem seguros. O gerente esboça um sorriso, suas bochechas ficam ainda mais rosadas: descobre que você é quase um conterrâneo, nascera na cidade vizinha à dele. Mas, infelizmente, não pode ajudar-lhe, a carteira de empréstimos está fechada. Enfiado naquela camisa vermelha, ele parece mais um tomate amassado, só agora você observa. Deseja-lhe boa sorte, esses momentos difíceis acontecem na vida de todos, com certeza você irá superá-lo, ele próprio já passara por isso. Sente muito.

Você sente mais que ele. Sente raiva, sente desespero, sente o peso dos anos sobre os ombros. Volta para casa a pé,

para refletir, para economizar. Nesses dias, até mendigo pede esmola em gorro com bolinha de algodão na ponta. Há algo diferente no ar, é fácil perceber. Solidariedade, euforia, compaixão, hipocrisia, sabe-se lá! O certo é que as pessoas entram e saem freneticamente das lojas, dos chópingues, das Mecas do consumo. Enormes pacotes, pequenas lembrancinhas. Décimo terceiro salário, gratificações de Natal, cheques pré-datados, cartões de crédito, carnês.

Você sorri, histérico e irônico. Este ano ninguém da sua família vai ganhar presentes. Nada de peru, queijos, nozes, vinho, champanhe. Você não vai, ridiculamente, fazer sua listinha nem trocar abraços. Nenhum "amigo secreto".

A caminhada lhe exaspera, você já não suporta tantos *gingle-bells* e *noites-felizes*. Tantos falsos velinhos sorridentes de barbas brancas e roupas de inverno no calor tropical, intercalando cada frase com um ho-ho-ho! Um deles está jogado na calçada, machucado, atropelado por um alucinado motobói.

Você chega em casa suado, cansado, desiludido. Desaba no sofá. A mulher, certamente, na casa da mãe, pedindo alguma ajuda. Seu filho mais novo aproxima-se, como quem nadatudo quer.

— Paizinho, será que Papai Noel vai trazer minha bicicleta?

A doce inocência da criança não a faz imaginar as dificuldades, os desafios, os riscos que a vida lhe reserva. Desempregado, não há nada a fazer, nem mesmo correr o risco de comprar a crédito. Se, ao menos, o gerente de gordas bochechas rosadas tivesse lhe dado o empréstimo! Você sente um ódio imenso por toda essa construção coletiva, esse rito social, essa obrigação voluntária de dar presentes. Imagina todos os colegas de seu filho com seus presentes, trazidos por Papai Noel. Só ele seria o discriminado, só ele, que foi um bom menino o ano inteiro e tirou boas notas na escola, seria esquecido, menosprezado. Você sente um profundo ódio por tudo: pelo presidente, pelo gerente, por todos os papais-noéis e motobóis, pelo Natal - data em que se deveria estar comemorando o aniversário de um dos mais humildes homens. Você sente raiva até do papa, e de seu sacrifício inútil.

— Filho, Papai Noel não existe! – você fala, com ternura, para disfarçar sua ira.

A fisionomia do seu filho se transtorna. Os olhos perdem o brilho como se, de repente, dentro deles, uma luz se

apagasse. Ele não consegue articular uma só palavra. Do canto do olho, escorre uma lágrima.

Você sente no peito uma dor profunda, quem sabe até um certo arrependimento, mas o frio sabor da vingança lhe consola. Na sua casa, sem lareira, nunca mais aquele gorducho idiota poria as botas.

memoricida

A mãe fez eletroencefalograma nele. Tinhas uns dez ou doze anos de idade. Talvez ela pensasse que os inseticidas colocados em seu cabelo, para matar piolhos, tivessem lhe afetado o cérebro. A mãe era analfabeta de pai e mãe, não escrevia um “o”. No dia do resultado ela pegou os exames e foi conversar com o médico. Tá normal?, queria saber o suspeito. Tá. Aquele menino só óculos e

ossos lia umas coisas que ela não sabia e falava umas coisas que ela não entendia. Quem lê demais fica doido, diziam, sapiência do povo. Isto causa temor. Ela nunca percebeu, mas o menino ficou mesmo doido. Ele mesmo só se descobriu poeta vinte e dois anos, oito meses e doze dias depois.

fetiché

para Machado de Assis

Indivíduos há que parecem predestinados. Se o senhor, leitor, for um fatalista, certamente objetar-me-á que todos, todos nós somos predestinados, tomando-se esta palavra em seu *stricto sensu*: o de termos um destino já predeterminado. Isentemos deste conceito estas coisas de boa ou má sorte (entenda-se aí: azar, palavra que nem deve ser dita!). Destino é destino, diriam, inexorável, imutável, como a estátua do Cristo Redentor, no alto do Corcovado.

Chicago era assim, do alto (ou baixo?) dos seus um metro e cinquenta e oito centímetros, bem contados. Desde criança acostumara-se a ver o mundo sobre um ângulo menor e achar tudo grande em demasia. Sua mãe, doméstica diarista, esfalfava-se dia após dia em faxinas nas residências dos bairros ditos nobres, para sustentar os cinco filhos sem pais. Não, senhor leitor, não há erro de concordância no texto. Cada filho de Dona Eufrosina tinha um pai, na mais exata demonstração da miscigenação nacional: um negro, um mulato, um sarará, um cabo-verde e um gazo. E não se espante com estas designações quiçá politicamente incorretas,

pois era assim mesmo que a própria genitora os identificava. Cinco meninos, todos homens (graças a Deus!) e saudáveis (graças a Deus!), futuros arrimos na sua velhice, assim acreditava.

Chicago, o caçula, era companhia constante nas idas e vindas da esforçada senhora, sempre espremido num mar de pernas dentro dos lotações, que devem ter este nome por estarem invariavelmente lotados. Chicago sufocava, buscava oxigênio ficando nas pontas dos pés, mas tudo que conseguia era, não raro, aspirar odores nada agradáveis que emanavam daquelas diversificadas e mui mal cuidadas zonas erógenas. Nos dias de chuva, então, com todas as embaciadas janelas fechadas, ao bodum habitual aliava-se aquele inconfundível fedor de calça jeans (usada e reusada por consecutivos dias) molhada.

Tornou-se um *expert* nestes aromas todos. Mesmo de olhos fechados era capaz de identificar se quem estava ao seu lado era homem ou mulher, jovem ou idoso, branco ou negro, cada um deles pelo seu cheiro específico. Nem o melhor dos enófilos de Bordeaux teria tal habilidade olfativa.

Chicago, então, ainda chamava-se Luísio (assim mesmo, sem a letra A no início). O apelido – explico, para que não sofra o leitor com sua curiosidade – supostamente surgiu das suas dolorosas prisões de ventre que, desde o período escolar,

faziam-no ficar tempos incontáveis ocupando o trono escatológico.

Mas Chicago cresceu. Cresceu pouco, como era de se imaginar, não apenas pelas condicionantes genealógicas, mas também pela deficiente alimentação da família pobre, pela falta de atividades físicas habituais. E como todo cidadão que se preza, quando deu por si já estava imerso no universo social, representado por suas maiores e mais sagradas instituições: o trabalho e a família.

Pai-de-família responsável, todos os dias acordava cedo e pegava o ônibus, para o trabalho. Considerava a ida até agradável, habitualmente conseguia um lugar para viajar os cinquenta e cinco minutos do percurso, sentado. Mas a volta, ah!, a volta, era um suplício. Aquele mesmo suplício que enfrentava desde criança. Sim, agora minorado, é verdade. Já não se limitava à altura das coxas, ia um pouco além, atingindo as axilas dos passageiros. Aquela era a sua “pedra de Sísifo”, amigo leitor: todos os dias, à hora do *rush*, voltar para casa no ônibus lotado, indignamente apertado, suando, sacolejado, vilipendiado, roçando e sendo roçado, exaurido das últimas forças que lhe restavam.

Se não há mal que sempre dure, não sei. Mas o certo é que da dor, por vezes, vem o refrigério. E foi num desses dias que Chicago viu a cena que jamais esqueceria, e que mudaria

sua vida para sempre: **aquela** axila! Não, senhor leitor, não era apenas mais uma axila, mas a mais perfeita axila que seus pobres olhos jamais contemplaram! Sob a blusa branca, de um braço delicado que levemente se erguera para segurar no apoio superior do ônibus, ela surgiu. Não perfeitamente lisa como cara de anjo barroco, mas levemente aveludada por alguns daqueles pelos que insistem em irromper dias após a depilação. Pelinhos negros, curtos e cheirosos (adjetivo este por conta da imaginação, de Chicago e minha). Que cheiro haveria de ter? Sabemos lá! Sinta, o leitor, o aroma que gostaria de sentir, fosse o nosso personagem.

Uma axila feminina imortal. Imortal como só poderia acontecer a uma personagem de Machado de Assis, eternamente imortal na lembrança angustiada do pobre Chicago. Sim (perdoe-me, Drummond), suas retinas jamais esqueceram aquela cena: tinha uma axila no meio do caminho!

Já em casa seu primeiro desejo era que chegasse logo o momento do repouso conjugal, para que pudesse encher de beijos a até então axila virgem de Maria. Não, não blasfemo, nem me deleito em trocadilhos infames. Chamava-se Maria, a querida esposa de Chicago e, como uma mulher da antiga, jamais foi dada a tais permissividades. Pobre Chicago! Mal sabia que seu desejo estava muito além das possibilidades. Recato, pudor, medo, vergonha ou tudo isto junto, provocaram

a negativa da recatada Maria. “No suvaquinho, não”, recusava, desajeitada, sem querer ir de encontro à autoridade patriarcal. “Mas, Maria, é só um beijinho!” “De jeito nenhum”, redargüia, “ainda mais assim, sem uma lavanda!” E o pobre Chicago queria apenas saciar o seu fetiche, aplacar com sardinha a sua fome de caviar. Não houve jeito. Nem naquele dia nem em nenhum outro. Maria não era dada àquelas promiscuidades. Fazia o que devia ser feito, nem mais nem menos... “que idéia essa, depois de quatro filhos pra criar!”

Daquele dia em diante Chicago nunca mais seria o mesmo. Diria-me você, caro leitor, ledor de Heráclito, que não somos nunca os mesmos, segundo após segundo, mas não me venha, agora, com sofismas: o senhor sabe do que falo. Se não sabe, explico: Chicago, deste dia em diante, tornou-se um *axilófilo*. Não via a hora de findar a sua jornada de trabalho diária para que pudesse voltar ao lotação. Se por um acaso, o ônibus que chegava dispusesse de cadeiras vazias, não entrava. Esperava estoicamente até que viesse outro, mais outro, até o ideal. Aquele aonde as pessoas tivessem que acotovelar-se para entrar e empurrar-se para sair, sempre o mais cheio possível. E ali ele regozijava-se! A cada dia novos aromas, novas fragrâncias, novos cheiros adocicados de perfumes ou amaros de suor. Não importava. Chicago deliciava-se com aquela profusão infindável de olores.

Favorecido pelos seus um metro e cinqüenta e três postava-se estrategicamente à sombra da axila escolhida – sempre feminina – e deliciava-se imaginando que aquele cheiro poderia ser, certamente, o daquela axila primordial. Mas mal este último cheiro ainda estivesse sendo guardado em sua memória, já outro se instalava e ocupava a sua imaginação. Sim, por que não seria este, ao invés do outro e, assim, eternamente?

Homem pacato, nas poucas aventuras extraconjugais que tivera, esta era sua única exigência: que a mulher permitisse ser lambida nas axilas uma, dez, vinte, cem, quantas vezes fossem necessárias para satisfazer o seu paladar. Numa destas vezes sorveu tanto e tanto a tal ambrosia que a sua parceira adormeceu. Quando percebeu, já era tarde. Teve que, sozinho, suprir as suas demais necessidades sexuais, contemplando a bela adormecida.

Maria sabia perfeitamente qual o objetivo das suas fugas noturnas eventuais, mas fazia-se de tola, num consentimento tácito, a compensá-lo pelas coisas que ela mesma jamais ousaria fazer.

Foi numa dessas noites que Chicago viveu a mais incrível das histórias do seu fetichismo. Na boate, uma morena espetacular mostrava-se sensível às suas insinuações. Eram, aproximadamente, três horas da madrugada. Fim de festa.

Chicago já havia tomado todos os conhaques que as sobras do seu modesto salário permitiam. Aproxima-se, executa os ardis da sedução. A conquista foi fácil. Momentos depois a morena já estava deitada sobre o colchão do motel mais barato das proximidades.

Chicago deleitou-se. Naquela noite, permitiu-se o requinte de banhar as axilas da deusa com uma champanhe, digo, uma sidra. Ela, também, delirava nas mãos e lábios daquele *expert* nos segredos do toque erótico. Realizado - após muitos minutos de caudalosos salivares - na satisfação do seu fetiche, era chegada a hora da apoteose. Só então ele se dá conta que a morena não era exatamente uma mulher. Chicago sentiu as torres do World Trade Center desabarem sobre si.

E entenda aqui, leitor, que não havia da parte de Chicago (nem da minha), nenhuma oposição às relações homossexuais, conquanto fosse hetero. O que o martirizava era toda a sua experiência, toda a sua perícia olfativa ter sido ridicularizada. Como ele, o maior especialista em cheiros, poderia ter se deixado enganar? Anos e anos de profunda experiência adquirida, destruídos! Sentia-se irremediavelmente derrotado.

Os dias que se seguiram foram terríveis. Chicago perdera o sentido da sua existência. Nenhuma axila, mais, o seduzia,

nenhuma lhe proporcionava, sequer, o menor *frisson*. O ônibus diário já não era mais motivo de prazer, mas de tortura. Seu olhar já nada enxergava, atravessando, vazio, a janela, para perder-se nos postes; seu olfato inibido, como que para sempre congestionado, como as avenidas às dezoito horas.

Quatro meses se passaram até que num daqueles dias de monótono retorno do trabalho, no ônibus, em pé, desconsolado, quase deprimido, ouve uma voz feminina lhe pedir:

— O senhor poderia me ajudar a levantar?

Só então ele percebera a jovem sentada à sua frente. Tinha a perna e o braço esquerdos engessados. Ao seu lado, uma muleta. Chicago, solícito e desajeitado, apoiou as mãos sob os seus braços, nas axilas, e ajudou-a a erguer-se.

— Muito obrigada!

Chicago sentou-se no aconchegante e morno lugar onde a moça estivera acomodando suas encantadoras nádegas. Apesar do calor transferido do corpo dela para o assento de napa, e deste para o seu, sentiu calafrios. Hesitou num dilema hamletiano: cheirar ou não as mãos? Cheirou-as. Era um

cheiro redentor, tudo o que ele precisava para soerguer-se e retomar a sua vocação, o seu destino. A partir de então voltava ele a ser o velho Chicago, adorador profano dos legítimos cheiros humanos.

Ficou uma semana sem lavar as mãos.

o professor

A sirene tocou, indicando o final da aula. Os alunos apanharam seus materiais e retiraram-se apressadamente. O Professor, já de costas para a classe, apagava do quadro-negro os apontamentos que fizera, sem atentar para o detalhe de que a sala não ficara vazia. Ao acabar seu meticuloso trabalho voltou-se para apanhar seus livros, confirmando a sua suspeita:

— Adorei a aula, Professor - disse Míriam.

— Foi? Que bom.

— Apenas estou com algumas dúvidas.

— Pois não. É só dizer, eu estou aqui para tirá-las. Para isso servem os professores.

— Bem... eu não gostaria que fosse aqui. Não podemos ir a algum lugar mais sossegado? Lá em casa, por exemplo. Meus pais viajaram e nós poderíamos conversar tranqüilamente, a sós.

O Professor olhou em seus olhos e um hiato de tempo abriu-se, então. Ele retornou anos e anos em sua lembrança, para recordar quando pela primeira vez olhos tão belos quanto

aqueles o fizeram sentir o que ele chamou de amor. Ele era moço, muito moço ainda, idealista, romântico e sonhador.

Luísa aparecera em sua vida por um destes acasos do destino, uma simples colega na sala de aulas, uma colega extremamente bonita e sedutora. Ele, um promissor herdeiro de relativo patrimônio e possuidor de sólida cultura. Atração, namoro e casamento sucederam-se numa pequena fração de tempo.

Depois de algum tempo, a dura rotina cotidiana transformou o sonho em pesadelo. O egocentrismo de Luísa a impedia de suprir a carência afetiva dele e tudo desmoronou.

Vieram as discussões, as brigas. A insistência de Luísa em não querer filhos, em defesa da sua beleza estética, foi a gota d'água, e tudo acabou.

Para ela, uma rentável separação; para ele, a desintegração de um sonho, da ilusão de ser feliz, completar e ser completado por uma mulher, viver por e para alguém, amar e ser amado. Ele trouxera em si, até então, a cândida imagem de sua mãe e transportava este sentimento para todas as mulheres, fazendo delas pequenas deusas, seres puros, almas perfeitas, sem máculas e que jamais poderiam ser sequer magoadas. Luísa destruíra toda a sua concepção acerca do ser feminino. Para ele, agora, elas não passavam de seres dissimulados, falsos e mentirosos, que se compraziam em

perpetuamente iludir o sexo oposto, deliciá-lo com seus prazeres para, então, enganá-los sordidamente.

Ele fugira. Fugira de Luísa e de todas as mulheres que depois surgiram, fugira do mundo. Apenas encontros casuais, contatos frugais e gozos banais. Ele fugira até de si próprio, refugiando-se em seu subconsciente.

E agora aparecia Míriam. Míriam que o olhava com ternura e lhe falava de amor, Míriam que quase o fazia tornar a acreditar em tudo o que já não acreditava, com seu jeito meigo de pós-adolescente. Míriam e seus lábios que diziam ter tanto a dar, seus olhos que brilhavam ao seu olhar, seu corpo que o fazia ter loucas fantasias, um convite ao prazer.

— Desculpe, Míriam, mas hoje eu vou estar muito ocupado.

— Tudo bem, Professor, fica para outra oportunidade.

*** *** ***

A noite transcorria fresca e calma. Alguns dias se passaram desde a objetiva "cantada" de Míriam. O Professor estava em casa, confortavelmente recostado no sofá, assistindo televisão e pensando. Pensando que buscara aquele recanto, aquele lugar tranqüilo do interior como um refúgio. Um refúgio do mundo, das pessoas e de si próprio. E logo ali o

Senhor dos Seus Pesadelos viera buscá-lo, no corpo de Míriam: o Amor. E o Professor, que tanto fugira, deparava-se com ele e voltava a ver que este mesmo Senhor fora, outrora, o Dono dos Seus Sonhos.

Batem à porta e a confusão se fez maior quando, ao abri-la, depara-se frente a frente com Míriam.

— Boa noite, Professor.

— Boa noite, Míriam.

— Posso entrar?

— Claro.

Ela entra e senta-se no sofá, ele ao seu lado, olhando-a.

— O que há?

— Não dá mais. Eu juro que não agüento mais. Será que você não entende que eu te amo? Será que você não percebe que tudo que eu quero é ser sua, que só tenho ido ao colégio para ver você? Poxa, será que você é mesmo assim tão insensível? Será que não é nada disso tudo que eu imagino? Eu sei que você não é assim. Por favor, quebre este gelo. Eu não consigo parar de pensar em você!

Houve um brevíssimo silêncio. Lágrimas escorriam dos olhos dela. Ele se enternecera e sentia, mais uma vez, regredir anos para voltar a ser aquele jovem idealista, romântico e descobrir que Míriam estava a externar o que também ele já sentira ardentemente. Ele cedera, quebrara-se o encanto e uma porta há muito tempo fechada abriu-se: ele deixava o coração agir.

Envolveu-a nos braços e beijou-a.

— Eu te amo, disse ela.

— É. Eu acho que sim, respondeu-lhe.

A partir daí os corpos falaram mais que as bocas e eles se amaram, como nunca haviam amado antes.

*** *** ***

A reunião transcorrera animada. Foram delineados todos os pontos básicos para a fundação do Grêmio: estatuto, diretoria, sócios, direitos e deveres. Quando tudo acabou, Álvaro arrastou o Professor pelo braço e foram para um barzinho sossegado.

— Professor, a reunião foi o máximo, não acha?

— Realmente, foi muito produtiva.

O Professor via-se em Álvaro, quando ainda nos primeiros anos da juventude: idealista e entusiasta.

— Você vai longe, Álvaro.

— Talvez, Professor, talvez. Como se não bastasse esta base que criamos para o nosso Grêmio, terei ainda uma outra feliz reunião hoje.

— É? O que?

— Vou ficar noivo.

— Mesmo? Quem é a felizarda?

— Uma aluna sua: a Míriam.

O impacto não poderia ser maior. E então, o que acontecera? O Professor não sabia, ninguém saberia, nenhum de nós poderá saber. O certo é que no dia seguinte o Professor não foi ao colégio, nem no outro, nem em dia nenhum mais. Ninguém daquela cidade saberia dizer o que acontecera com ele, para onde fora. O Professor simplesmente desaparecera.

Enquanto na festa de noivado, Álvaro sorria feliz e Míriam relembrava os momentos que passara junto ao Professor, acreditando que ainda haveria muitos outros, ele partia, em busca de um outro mundo, onde não existissem ilusões.

o instante da bala

manhã, tarde noite / passou o dia, a vida / foice
(poetrix MORTE, de Regina Benitez)

Finalmente você realiza o sonho de ser professor universitário. Após quatro anos de graduação, dois de especialização, dois de mestrado e dois de doutorado, consegue aquela vaga na melhor faculdade da região. O primeiro dia de aula prolonga-se além do necessário; você ainda fica na sala por algum tempo, conversando com os alunos.

As ruas já começam a ficar vazias. Chove, e poças d'água enfeitam o asfalto, refletindo os raios das luzes dos postes. Um veículo da polícia passa correndo, sirene aberta, em alta velocidade e você sempre fica em dúvida se realmente algum crime está em andamento ou se o motorista apenas está querendo chegar cedo em casa.

A luz vermelha do semáforo está acesa. Você sabe que não deve parar o carro a esta hora da noite, mas será apenas por alguns instantes, e você gosta de cumprir as leis, mesmo as do trânsito.

Você não sabe como mas, de repente, lembra-se do sangue vindo da sua mãe, pelo cordão umbilical, alimentando-o. Você lembra-se dos primeiros dentes rasgando sua gengiva, coçando, doendo e lhe fazendo morder panos e borrachas, até sangrar de prazer. Você lembra-se da primeira vez que sentiu o gosto do sangue misturado ao leite materno, o bico do seio gostoso, sabor de Terra Prometida.

É bom o cheiro do seu creme de barbear. É o mesmo que era usado por seu pai. Ele sempre deixava ao alcance das suas mãos o aparelho de barbear com lâminas Gillette. Um dia, aos cinco anos de idade, você faz a sua barba pela primeira vez... e ela era vermelha.

No prédio ao lado da sua casa, o apartamento da sexagenária que ainda não sabe usar direito o recém-lançado fogão a gás, pega fogo. Emocionante ver o lindo carro do Corpo de Bombeiros com suas luzes coloridas piscando, a sirene tocando. Ágeis soldados abrindo hidrantes, diluindo as cores ardentes das labaredas.

Você roubava frutas nos quintais vizinhos. Cortava as mãos nos cacos de vidro no alto dos muros, lapiava-se nos arames farpados. Furava os pés nos pregos largados no mato, fugindo dos cães. Era a pressa. Goiabas, mangas, laranjas. Frutas furtadas cortadas com facas cegas e enferrujadas, que feriam também as mãos.

Você perdeu unhas e cabeças de dedos nas *peladas* jogadas no barro, no cascalho, nos paralelepípedos. As marcas do seu sangue tingindo a bola, a bola esmagando e fazendo sangrar o seu nariz.

Você passava as férias escolares no interior e ainda pergunta-se como continua comendo carne, após ter presenciado tantos animais serem brutalmente assassinados. As galinhas tendo seus pescoços torcidos, friamente; os porcos, amarrados, perfurados no pescoço, largados, entre grunhidos, à morte lenta e dolorosa; a pancada firme e seca do machado no nariz do boi, fazendo estalar seus ossos; os corpos dos carneiros esfolados, pendurados nos caibros do casebre, sempre o chão sorvendo o sangue imolado. Depois, na cidade, sua mãe levava-o à granja para comprar a ave abatida na hora; você lembra-se do cheiro insuportável das galinhas e dela pedindo ao vendedor: “me dá o sangue que eu vou fazer um molho pardo”.

As luzes vermelhas nas portas dos casebres das mulheres-damas, de sorrisos e pernas abertas no baixo meretrício. Vitrolas de fichas, cortinas de *contas*. Nos quartos das putas, penteadeiras enfeitadas com frascos de águas de (mau) cheiro e jarros de plástico, vermelhos, com flores *Angélica*. Ao canto, uma bacia com água para o enxágüe, papel higiênico escuro e grosseiro. Você lembra-se das

músicas de Odair José e Adilson Ramos. “Por que não paras, relógio?”

Você não sabe por que, mas neste momento lembra-se de todas as mulheres que *comeu*, principalmente das menstruadas. Suor, saliva, sêmen e sangue se misturando num festim profano. As fronhas, toalhas e lençóis brancos dos motéis definitivamente maculados. Seu pênis rubro, suas mãos com sabor de Vitamina B.

O sangue da buceta virgem de Rosa manchando o estofamento do seu carro. Ela ficou tão feliz quando você lhe deu aquele buquê de rosas vermelhas! O mesmo sangue que estava naquela placenta, da sua filha. Você olhando através do vidro, na maternidade, vendo-a nascer, suas pernas tremendo.

Suas pernas tremeram quando você e seus colegas de universidade resolveram dar uma surra naquele professor de Matemática que todos os anos reprovava metade da turma, apenas para ganhar mais dinheiro com cursos de férias. Seu corpo inteiro tremeu quando seu pai morreu nos seus braços, cuspidando o pulmão em golfadas de sangue, há dois anos.

Neste instante, você vê, pelo retrovisor, que um fio líquido, quente, vermelho, está escorrendo na sua cabeça. Você lembra, vagamente, de ter ouvido um zunido. Depois, é tudo escuro.

Guardian

"Ângelo, não existem outras realidades. Existem milhões de partes da **Realidade** que não conhecemos. Lembra da parábola hindu dos cegos e do elefante? Um deles apalpou-lhe a pata e disse que o elefante se parecia com uma coluna; outro lhe apalpou a tromba e disse que o elefante era como uma serpente. Cada cego falava daquilo que limitadamente percebia, sem ter uma noção do Todo. Assim é com a **Realidade**. Ela é una; nossas percepções é que são limitadas."

"Mas, se estou pensando, porque estou chamando a mim mesmo pelo meu nome e respondendo às minhas perguntas como se fosse um outro?"

"Você está trazendo as respostas de dentro de você. Elas não estão aí, a todo o momento, conscientemente. Estão em algum lugar que você não sabe exatamente qual. Eu apenas ajudo-lhe a descobrir onde você guardou suas respostas. Assim como sua mãe, que sempre sabe aonde você deixou as suas meias. "

"Eu, quem? Quem é você? "

"Os amigos me chamam de Guardian. "

“Como eu posso saber se não estou pensando sozinho? Que não criei mentalmente alguém com quem estou, agora, dialogando? Como posso saber se todo este diálogo não passa de imaginação? “

“Não pode. Perceba os efeitos. Sinta, julgue, analise. Tudo o que não nos faz bem pode ser desprezado. Uma escritura sagrada diz que o Criador viu que o Universo era bom, e o manteve. Se não fosse, não estaríamos aqui, conversando, hoje. Critique, pondere... e decida. “

— Ângelo, hora da escola!

“Minha mãe está me chamando. “

“Depois conversaremos mais. “

Uma infinidade de sentimentos invadia Ângelo. Surpresa, dúvida, apreensão, tranqüilidade. Tudo era muito novo, incomum.

Ângelo sempre preferia ir andando para a escola, apesar da distância, pois passava perto da praia. O Mar, em sua imensidão, lhe trazia uma intensa riqueza de contrastes: o Mar que banha é o mesmo que afoga; o Mar que alimenta o pescador, também pode devorá-lo; ele é sempre o mesmo, banhe as costas da Índia ou o Canadá; raso e profundo, uno e

divisível, infinito e limitado, sempre se misturando ao horizonte. Aparentemente vazio, mais cheio de vida em seu interior. Misterioso.

* * * * *

Durante a aula, ele não conseguia concentrar-se. O diálogo íntimo que tivera pela manhã o deixara intrigado. Costumava conversar consigo mesmo, pela falta de irmãos, mas nunca daquela forma, como se tivesse dupla personalidade. Os colegas estranharam-no. Ele era algo introspectivo, mas nunca tanto quanto naquele dia. Torceu para que a manhã acabasse logo. Quando chegou em casa, ao final da tarde, foi direto para o seu quarto.

“Guardian, você está aqui? “

“Sim, Ângelo. “

“Você vai estar sempre por perto? “

“ Claro que não. Você acha que eu não tenho mais o que fazer? Acha que só você precisa de ajuda?”

“Então você existe para ajudar os outros a buscar respostas?”

“Também. Esta é uma das minhas opções.”

“Ajudar?”

“Ser útil, de alguma forma”

“Guardian, de onde você veio? Apesar de ainda achar que você não passa de uma criação mental minha, não me lembro de em nenhum momento ter formulado a sua existência.”

“Bem, isso pode evidenciar que eu não sou uma criação mental **sua**. Sim, porque tudo é uma criação mental. Tudo o que existe, visível por você ou não, primeiramente existiu na mente de alguém. Eu sou uma criação mental, tanto quanto você, mas não **sua**.”

“Existe o que não é visível?”

“O ar é visível? A energia é visível? Você os percebe pelos seus efeitos. Se as pessoas fossem mais atentas, perceberiam vários efeitos sem causas evidentes. Respondendo à sua pergunta, eu não **vim** de algum lugar, eu **estou**. Há muito tempo eu **estava** nesse plano, nessa dimensão, nesse mundo onde você está; agora estou em outro, paralelo e ao mesmo tempo integrado ao seu. Assim, como você divide o seu mundo com outros seres em fase de desenvolvimento, nos reinos animal, vegetal e mineral. Eles o coabitam, influenciando-o e sendo por você influenciado, sem contudo integrarem a sua sociedade. Assim é conosco. Compartilhamos os mesmos espaços.”

“Como você me encontrou?”

“Eu estava passando aí pela rua, distraíndo-me um pouco e resolvi entrar.”

“Logo aqui, assim, por acaso?”

“Acaso não existe, Ângelo. De alguma forma os eventos não previsíveis que nos ocorrem foram provocados por algum interessado.”

“Então, por que você entrou aqui?”

“Para atender a um pedido seu.”

“Meu?”

“Sim. Você estava aí deitado e se perguntava: será que existem outras realidades? Existiria um mundo invisível? O plano físico, material, é o único existente? Como eu estava por perto, ouvi suas perguntas e resolvi ajudá-lo.”

“Então você pode ler pensamentos?”

“O pensamento é um produto da atividade da sua atividade mental. É energia e a energia é uma forma de manifestação física. Lembra do Einstein? $E = mc^2$. O pensamento tem forma, é manipulável, mensurável qualitativa e quantitativamente, como todas as outras energias. Você recebe imagens pela TV, sons pelo telefone e mensagens pelo computador. Como não pode compreender a comunicabilidade das idéias? O que você chama de ler pensamentos eu chamo de captar emissões. Seus questionamentos são como garrafas lançadas ao mar; por acaso eu encontrei uma.”

“Se eu quisesse, poderia vê-lo?”

“Se nós quiséssemos, sim. Você quer me ver?”

“Não. Quero dizer, ainda não, acho que não estou preparado. Ainda não compreendo quem ou o quê é você. Você disse que é resultado de uma criação mental, que está em um lugar que é outro e o mesmo, simultaneamente. Isto não é simples.”

“Muitas das coisas que você não sabe, eu também não sei. Todos estamos num processo de aprendizado. Eu sei que existo, não porque penso, como queria Descartes. Não há algo em mim que pense, eu sou o próprio pensar. Para que algum ser exista é necessário que haja a decisão, a vontade. Como eu poderia desejar existir antes de existir? Alguém desejou que eu existisse. Sou, sim, resultado de uma criação mental, mas não sua, já que o precedo. O lugar onde estou é aquele onde desejei estar.”

“Querida estar? Desde quando?”

“Vou tentar lhe explicar. Entre mim e você só há uma diferença: você está restringido a um corpo físico; eu, não. Mas eu também já estive. Tive uma vida como a sua, aí, neste plano ou dimensão, como queira chamar. Como todas as pessoas, eu tinha uma certa preocupação com o nosso destino após a morte. Nós temos a **necessidade** de continuar existindo. Tememos “desaparecer” um dia, perder nossos sentimentos,

emoções, os conhecimentos que acumulamos ao longo da vida. Assim, eu tinha algumas grandes preocupações: primeiro, continuar existindo após a morte; segundo, não perder a minha individualidade, como preconizam alguns e, terceiro, levar comigo meus tesouros: tudo o que vi, aprendi, senti em vida. Bem, um certo dia contrái uma moléstia que acabou por levar à morte o meu corpo físico. Nos momentos finais de minha existência sentia um leve desprendimento. Enquanto meu corpo definhava, esgotava-se de algumas das suas energias, minha mente parecia expandir-se. O mundo à minha volta, que chegava à minha compreensão pelo filtro dos sentidos, agora era percebido de uma forma direta. Às percepções habituais - tato, olfato, visão, audição e paladar - outras se somavam. Nossa visão, Ângelo, só detecta ondas eletromagnéticas entre 380 a 760 nanômetros, dependendo ainda de luz solar ou artificial, e a audição, sons entre 30 e 17.000 hertz de frequência. A percepção de aromas e sabores difere completamente de pessoa para pessoa. O sabor que para um é delicioso, para outro é horrível. Livre destes “filtros” minha percepção era bem outra. Fascinado por esta gama de percepções que me chegavam, pouco ligava para o corpo que morria. A vontade de experimentar todas aquelas novas sensações fizeram-me distanciar dele e nem me pergunte que destino lhe deram, depois. Se foi enterrado ou cremado, ignoro.

A minha primeira surpresa foi a de que, intimamente, nada havia mudado. Ou seja, eu continuava eu. Com minha individualidade, minhas concepções, minhas lembranças.”

“E então, o que você fez? Para onde foi? Não sentiu medo?”

“Medo? Se eu estava sendo o que sempre quis, como sentir medo? Em meu lugar, para onde você iria?”

“Sei lá, Guardian. É como ganhar superpoderes, como um herói.”

“Isto. E se você os ganhasse, Ângelo, o que faria?”

“Os testaria, lógico.”

“Foi o que fiz. Assim que alguém abriu a porta, fui embora dali.”

“Você não atravessa paredes e coisas assim?”

“Isto veio depois. Esta idéia de atravessar coisas é invenção dos filmes de terror. Se eu preciso estar em determinado lugar e posso me deslocar mentalmente até lá, que necessidade tenho de viver atravessando corpos sólidos? Além disso, não possuo um corpo como o seu, que precise ser levado para cá e para lá. Quem vai a determinado local sou **eu** e não meu suposto corpo. Você precisa ir a Londres para conversar com alguém de lá ou usa o telefone? Aqui fora também temos outros meios.”

“Temos? Existem outros como você?”

“Milhões. Você acha que querer sobreviver após a morte é um desejo só meu?”

“E quem não deseja sobreviver ou não acredita que haja vida após a morte?”

“Pois é. Todos obtêm o que desejam. Aniquilamento, para os que em nada crêem; céu, inferno ou purgatório, para os que os almejam e merecem; fundir-se ao Todo Universal, para outros. Os que estão aqui, como eu, queriam isto.”

“Mas você dizia que saiu porta afora...”

“Ah! Já ia esquecendo. Eu era um recém-nascido, redescobrimo o mundo. Tudo era novo, tudo magnífico! A luz e o calor do sol; o cheiro das plantas e flores; o som dos passos dos insetos; as emoções que se irradiavam das pessoas. Tudo era fantasticamente novo.”

“E como estas percepções chegavam até você?”

“Veja, Ângelo, assim como estar no México não vai fazer com que você automaticamente fale espanhol, a compreensão daquela nova situação se deu gradativamente. Assim como o ar, na sua dimensão, transmite o som, os aromas; como a luz proporciona a percepção das cores e a própria atmosfera lhe dá as sensações de calor, frio ou umidade, aqui há um meio comum, um fluido, se assim podemos chamá-lo, que nos transmite as múltiplas sensações. Sendo energia, relaciona-se

com todas as outras, entre elas a mental e a emocional. Por isso minhas percepções são mais aguçadas que as suas.”

“O lugar onde você está também foi fruto do seu desejo?”

“Desejo de outros que vieram antes de mim. Como lhe disse, não fui o único nem o primeiro a desejar estar num lugar como este. O bom é que ninguém me obriga a ficar aqui. Na casa do pai há muitas moradas, lembra? **Meu** lugar já existia antes que viesse para cá.”

“Mas se não existisse, poderia criá-lo?”

“Não há muitas pessoas que vivem sozinhas? Desculpe, Ângelo, vou ter que desligar. Tem alguém na outra linha.”

“Tudo bem, a gente se vê... digo, se fala. Ei, espere, que linha é esta?”

* * * * *

Para Ângelo havia vidas que se justificavam em apenas um dia.

Olhando o noticiário na TV, prestara atenção numa reportagem sobre um homem comum que salvara duas pessoas que iriam morrer queimadas em um incêndio. Aquele homem, exatamente ele, estava no lugar certo, na hora certa. Ângelo sempre se admirava de como as pessoas costumam desperdiçar o seu tempo, diariamente, dia após dia, sem

destinar sequer uns míseros minutos a algo de bom, até o final da vida. Ele só queria olhar para trás e ver que não deixara apenas pegadas.

“Por que eu não tenho tempo para nada?”

“Tempo é apenas um referencial, Ângelo.”

“Ah, você está aí?”

“Estou **aqui**.”

“Então não é mais uma de suas ligações interdimensionais?”

“Não deixa de ser... só que esta é local.”

“Tá bom. Que história foi aquela de linha?”

“Temos nossos meios de comunicação.”

“E esta de tempo ser um referencial? Por falar nisso, há um bom tempo você não aparece.”

“Foi um dos meus primeiros problemas, aqui. O tempo é uma grandeza muito relativa. Foi difícil sincronizar o tempo daqui e o daí.”

“Por que?”

“Veja bem: Madrid é longe ou perto de Paris?”

“Perto.”

“E se você for andando de um ponto a outro?”

“Muito longe.”

“E se você se desloca de um ponto a outro com a velocidade do pensamento?”

“As distâncias desaparecem.”

“E também o tempo. Ele só pode ser compreendido de forma relativa. É preciso que haja um referencial para mensurá-lo. Distância ou velocidade, por exemplo.”

“Você pode viajar no tempo?”

“Não fantasie. Eu não posso ir ao que não existe. O passado já foi; o futuro virá. Evocar lembranças, sim, e elas se tornam tão nítidas que você até pensa que voltou ao passado.”

“Da última vez que nos falamos, por que você teve que sair apressado?”

“Alguém precisava mais de mim do que você.”

“Pode contar, Guardian?”

“Posso, sim. Nossas amizades são fruto de afinidades. Tanto aqui como aí, existem pessoas com as quais nos identificamos, pelos seus gostos, comportamentos, ideais, etc.”

“Nossas de quem? Eu nunca sei quando você está falando de nós, humanos, ou de vocês.”

“Êpa, Ângelo, eu sou tão humano quanto você! Apenas em outro nível de vibração.

“Desculpe, Guardian. Continue.”

“Então, nos identificamos e criamos laços comuns de amizade e simpatia entre nós e com vocês.

“Daí você estar aqui.”

“Sim. Enquanto conversava com você, naquele dia, surgiu uma oportunidade que esperávamos há algum tempo. Temos um amigo com quem muito simpatizamos. Acreditamos, até, que ele venha a fazer parte do nosso mundo, quando sair do seu. Ele ainda cultiva alguns vícios, dos quais procuramos desviá-lo, sempre que podemos. Esta foi mais uma vez. Ele marcara um compromisso para a noite e tentávamos avisá-lo que não fosse a ele. Os danos à sua estrutura energética seriam enormes. Ao final da tarde ele cochilou no sofá. Nestas circunstâncias o corpo físico adormece, mas a inteligência permanece ativa. Nós o levamos dali e conseguimos estabelecer uma comunicação com ele, conversar, fazer com que visse o erro que cometeria. Nosso encontro, que durou instantes, foi o equivalente a 45 minutos dos seus. Ele acordou assustado. Tentou erguer-se, mas o retorno do corpo energético ao físico ainda não se completara. As pernas estavam ausentes. Foi até cômico vê-lo tentar andar, sem conseguir, por alguns instantes. Ele conseguiu guardar a lembrança do que lhe falamos, mas mesmo assim insistiu em manter o compromisso. Somos seus amigos, não queremos vê-lo em encrencas. Demos um jeitinho e impedimos que outros envolvidos participassem do encontro. De nada adiantou a insistência dele; seus planos não se concretizaram.”

“Mas isto é um absurdo! Com que direitos você se mete assim na vida das outras pessoas? Cada um tem o direito de agir como bem entende. E aquela sua conversa toda sobre opções?”

“Certo, Ângelo, mas qual é o amigo que se furta a ajudar um outro, se pode?”

“Mas como você pode afirmar que o estava ajudando?”

“Ângelo, nós podemos perceber coisas que vocês não, principalmente no que se refere a energias. Você não faz idéia de como um intercâmbio desfavorável de energias com terceiros pode afetá-lo. Compare com uma transfusão de sangue com alguma contaminação; todo seu organismo ficará comprometido. Acredite, o que fizemos por nosso amigo foi o melhor para ele... ainda que você e ele pensem que não.”

“Sua opinião é duvidosa.”

“Sua mãe vive dizendo: não se esqueça de escovar os dentes. Ela sabe as conseqüências que advirão se você não cuidar deles. Veja por esse lado. Para nós é fácil prever o que pode ocorrer após certas atitudes de vocês... nós também fomos assim.”

“É. Acho que preciso pensar um pouco mais a respeito.”

“Sinta-se à vontade.”

* * * * *

Não agradava a Ângelo ter alguém bisbilhotando seus pensamentos o tempo todo. Pensou até em consultar um psicólogo, comentar com algumas pessoas sobre o que estava acontecendo, mas desistiu. Quem acreditaria que ele conversava com seres invisíveis?

Estava mais uma vez atrasado para a escola, e era dia de prova. Saiu apressado e seu primeiro pensamento foi pegar um táxi. Iria ficar sem dinheiro para o lanche, mas ao menos chegaria a tempo; de ônibus, talvez não. Chegando à rua viu logo o ônibus e, à sua frente, um táxi livre. Uma corridinha e pegaria o ônibus. Hesitou. Ergueu a mão e chamou o táxi.

A prova pareceu-lhe extremamente fácil, apesar de que em quase todas as questões desconsiderou a resposta que parecia aparentemente certa, optando por outras, mais duvidosas.

Sentia-se bem e as pessoas sentiam-no bem, naquele dia. Estava leve. Saindo da escola passou em frente a uma igreja. Ocorrerá-lhe que quase nunca dera atenção a religiões. A diversidade delas fazia com que pensasse que havia algo de errado. Por que tantas divergências e confrontos se todas buscavam um mesmo fim? Por que esta disputa por fiéis, a necessidade de provar a superioridade de uma sobre as outras?

“O que você acha, Guardian?”

A pergunta não obteve resposta. Será que Guardian não teria a resposta?

“O que você acha, Ângelo?”, perguntou-se. “Acho que devemos nos preocupar mais com a nossa conduta perante os outros”. A resposta veio automática.

Seus pais sempre o obrigaram a rezar antes de dormir. Ele nunca entendera bem porque, se não tinha nada para pedir ou pelo que agradecer. Mesmo assim proferia aquelas palavras decoradas, certinhas. Até quanto cresceu o bastante para não ser mais cobrado e parar com aquele rito.

Entrou na igreja, que àquela hora estava vazia. O clima tinha algo de medieval. Mosaicos, velas e cheiro de incenso. Assustou-se quando um velho frei aproximou-se, sem que ele percebesse, e perguntou:

— Posso ajudar?

— Não, obrigado. Estou só de passagem.

— Fique à vontade. A Casa de Deus está sempre aberta aos seus filhos.

— Obrigado. Até logo.

Saiu da casa de Deus e voltou para o mundo, a casa de...

“Ora, afinal, quem criou o mundo, não foi Ele? Esta é a sua casa.”

Retornou para casa de ônibus. Naquele horário todos estavam muito cheios. Sentiu um certo mal-estar. Calor, movimentos oscilatórios, paradas bruscas, as pessoas empurrando-se, agoniadas, estressadas, nervosas.

Descer do ônibus foi um alívio. Foi até à padaria e comprou alguns pães. À saída, um mendigo lhe pediu algo para comer e Ângelo cedeu-lhe um pão.

Chegando em casa foi direto para o banheiro, tomou um banho frio e se jogou na cama. Guardian não aparecia há alguns dias.

“Que dia agitado!”

“E você nem imagina o meu.”

“Oi, Guardian. Você andou sumido. Sabe que eu até já estava sentindo sua falta?”

“Obrigado. Mas a culpa não foi minha. Você é que não entrou em sintonia, Ângelo.”

“Eu? Como assim? Que negócio é esse de sintonia?”

“Sim, sintonia. Como no seu rádio. Você consegue ouvir todas as emissoras ao mesmo tempo?”

“Com um só aparelho, não.”

“Mas todas elas estão transmitindo ao mesmo tempo, não estão?”

“Sim.”

“O que faz a diferença, então, Ângelo?”

“A minha escolha. Eu giro o dial e escolho a música que quero ouvir.”

“Isto é sintonia. Os níveis de sintonia são infinitos, muito mais que as vinte estações do seu rádio. E nós podemos escolher com que nível de energia queremos sintonizar. Você, nesses dias, estava em outra sintonia. Preocupado com a escola, com a sua família, com o seu dia-a-dia. Foi você quem não teve tempo para conversarmos, não eu.”

“É verdade. Andei meio desligado.”

“Não. O rádio não estava desligado, mas sintonizado em outras estações. Nem por isso o seu intercâmbio conosco cessou.”

“Mesmo sem que eu quisesse?”

“Mesmo você não percebendo, Ângelo. Veja o seu dia, hoje, como foi. Quantas coisas aconteceram sem que você notasse. Ligue o rádio.”

“Estou ligado.”

“Não. Não estou falando de você, mas do rádio de verdade. Ligue-o.”

...o acidente ocorreu hoje, pela manhã. De acordo com as primeiras informações, o ônibus perdeu os freios quando descia uma ladeira, chocando-se com outros veículos. Três pessoas morreram e várias ficaram feridas.

“Pode desligar, Ângelo. Você estaria neste ônibus, se não tivesse optado por pegar o táxi. E a sua prova? Estava fácil, não? Claro, depois que eu acelerei o seu processo mental de transmissão de dados ficou muito mais fácil acessar os seus arquivos. Estava tudo lá! Dentro do ônibus outras pessoas afetaram-no. As energias delas, transmitidas pelo contato físico, ou até mesmo pelo simples fato de estarem segurando, ao mesmo tempo, aquelas barras metálicas, afetaram-no negativamente. Quando você deu o pão ao mendigo, não foi por acaso. Observe que o mendigo e você encontraram-se no lugar certo, na hora certa. Isto não é acaso, é o que costumam chamar de Providência Divina. Todos nós, Ângelo, de alguma

forma, em algum momento de nossas vidas somos chamados a servir como instrumentos de solidariedade, de compaixão, de caridade. Muitas vezes nos furtamos a isso, mas devemos lembrar que se determinado pedido foi especificamente dirigido a nós, não foi à toa.”

“Pôxa, Guardian, eu não percebi nada disto. E você, além de ficar interferindo no meu dia, o que fez?”

“Você não iria acreditar.”

“Acreditar ou negar não faz com que a **Realidade** deixe de ser o que é.”

“Está aprendendo rápido, Ângelo. Hoje dediquei meu dia a acompanhar um outro amigo. Você sabe, a nossa predisposição mental é que determina as nossas companhias, tanto aqui quanto aí. Observe como tanto as pessoas que se dedicam a coisas boas com as que se dedicam a coisas ruins, constituem os seus grupos por afinidades. Aquelas pessoas que se dedicam à distribuição de comida, à noite, aos necessitados; outros que usam drogas; os que realizam trabalhos junto a comunidades carentes; outros que são habituais freqüentadores de prostíbulos; os que se dedicam a visitar hospitais, asilos, presídios; cada indivíduo procura cercar-se daqueles que lhes são afins.”

“É isso aí, cada qual com a sua turma.”

“Nós, também nos identificamos com vocês pelos gostos, preferências, aptidões. Contudo muitos, como eu, também se dedicam a agir junto dos que são assediados por individualidades que não possuem, digamos, boas intenções.”

“E por que agem assim?”

“A morte não transforma em santos os “pecadores”. Alguns não compreendem que tudo no universo tende à evolução, à perfeição, que o universo não seria o que é se não fosse a Ordem que o regula. E esta Ordem nos exige sermos melhores, a cada dia, naquilo a que nos dedicamos. O grau de evolução de cada coletividade é a soma do grau de desenvolvimento de cada uma das individualidades que a compõe.”

“Mas, por que alguns etéreos vão de encontro a essa Ordem, que você considera tão perfeita?”

“Porque é uma ordem e ordens ainda são motivo de revolta para muitos. Assim, a submeterem-se a uma Ordem Universal pré-estabelecida, procuram subvertê-la e criar outra, na qual possam conduzir as coisas de forma a serem os maiores beneficiados, ainda que isto implique em prejuízos a terceiros. Mas não existem reis sem vassalos. Para se imporem é necessário que contem com o maior número possível de partícipes. Induzir, consentir e estimular o erro são alguns dos seus maiores argumentos.”

“Guardian, isto está me parecendo aquela velha história do Bem contra o Mal.”

“Não existem Forças do Bem e Forças do Mal, distintamente, como a maioria das pessoas compreende. Existem, sim, dentro de cada um de nós, motivos que nos conduzem, nos impelem a agir desta ou daquela forma... e estímulos externos a isto.”

“Mas fale do seu outro amigo.”

“Quando nos voltamos excessivamente para nossa própria satisfação, não raro acabamos por trilhar caminhos que nos conduzem a atitudes extremas. Em busca de um falso e temporário prazer, passamos a dedicar todo o nosso tempo, todas as nossas energias, todos os nossos recursos àquele fim, ignorando ou prejudicando até outras pessoas.”

“Você poderia me dar um exemplo?”

“Sim: os vícios. Álcool, drogas, jogos, sexo. Quando eles passam a ocupar um papel preponderante em nossas vidas, definem-nos um padrão mental, que por sua vez determinará o nosso ambiente e as nossas companhias, físicas e extrafísicas. O amigo de quem lhe falava está sofrendo por causas dessas más companhias. Apesar de, graças a muitas de nossas intervenções, ter abandonado velhos hábitos nocivos, seus “companheiros” mantêm-se à sua volta, influenciando negativamente o seu corpo energético. Hoje, alguns deles

foram procurá-lo. O impacto no seu campo energético foi tão violento que conseguiu desequilibrá-lo. Sem motivo aparente começou a gemer e debater-se. Procurado o recurso médico, de nada adiantou, por falta de um diagnóstico que identificasse o problema. Aplicaram-lhe sedativos.”

“E como você conseguiu ir ao seu encontro na hora necessária?”

“Felizmente eu havia instalado um “comunicador” de padrão mental nele, que foi ativado quando a carga energética atingiu um baixo nível. Desloquei-me para o local imediatamente. Mas, sozinho não poderia fazer nada. Tive que utilizar os recursos que encontrei à mão. Felizmente, no local, por acaso, estavam duas pessoas de bom padrão vibratório. Observando o fato perceberam o que ali se sucedia e colocaram-se em posição predisposta a colaborar. Diante disto pude lançar mão das suas energias, dirigindo-as para o amigo em dificuldades. Isto o acalmou, dando condições ao restabelecimento no seu campo energético.”

“Guardian, isto é incrível.”

“Não, Ângelo, isto é mais normal do que você imagina.”

“Certa vez você me falou que optou por ser útil. Às vezes fico me perguntando coisas sobre o destino. Como nos transformamos no que hoje somos. Será que foi nossa escolha sermos assim ou algo nos levou a isto?”

“ Ângelo, lembra daquele texto sagrado que diz que Deus nos criou à sua imagem e semelhança? Como Ele, temos capacidades enormes, que ainda desconhecemos. Nossa mente é muito mais poderosa do que imaginamos. A cada segundo estamos plasmando nosso futuro, a partir do que pensamos, sentimos, desejamos, fazemos. Sempre que vamos do nosso mundo para o seu, o fazemos com um propósito, prescrevemos uma “rota”. O problema é que não raro desviamos-nos desta rota, entramos por atalhos. Mas como tudo na Natureza tem este poder de se autorregular, estamos sempre sendo chamados a retomarmos o caminho, à “senda” que escolhemos... e esquecemos. Daí esta sensação de predeterminismo que nos impressiona. Se algo em nossas vidas foi predeterminado, o foi por nós mesmos.”

“Isto é um pouco complicado, Guardian. Difícil de compreender.”

“Ou de aceitar?”

“É. Acho que ambas as coisas.”

“Você ainda compreenderá.”

* * * * *

O inverno chegara. As chuvas sucediam-se dia após dia, reduzindo as alternativas de lazer. Não restavam muitas opções de atividade, exceto as domésticas. Ângelo, quando

não estava na escola, passava a maior parte do tempo em casa, cuidando de uma ou outra coisa. Ele estava aprendendo a chegar às suas próprias conclusões sobre si, sobre o universo. Era, sim, uma cosmogonia muito própria. Guardian lhe despertara para a possibilidade de criar, e como a sua imaginação não tinha limites, cada vez mais alicerçava seus conceitos e visão do mundo.

Os contatos com Guardian tornaram-se mais curtos e objetivos. Na maioria das vezes limitavam-se a frases, que ao invés de transmitir idéias completas, faziam com que Ângelo encarasse as questões sobre um outro enfoque:

“Guardian, qual o sentido da vida?”

“Que sentido você quer dar à sua vida, Ângelo?”

Mas, intimamente, Ângelo ainda duvidava destes seus “diálogos”. Andara consultando alguns livros de psicologia e eles falavam muito sobre dupla personalidade, esquizofrenia, manias, fuga da realidade. Não estaria ele passando por algum problema de ordem neurológica?

“Guardian, você está aí?”

Três dias depois, a resposta.

“Ângelo, você andou à minha procura?”

“Pôxa, você desapareceu!”

“E por acaso eu apareci alguma vez? Recebi seu recado em minha caixa de mensagens, mas como não parecia nada urgente, continuei dando uma ajuda às vítimas de uma catástrofe na Índia.”

“Você me surpreende... Guardian, eu quero te ver.”

“Êpa, quem me surpreendeu agora foi você. Não sei se eu estou preparado para a sua reação.”

“Nem eu. Vamos ter que descobrir juntos. Mas é a minha opção e você deve respeitá-la. Estou confuso, preciso eliminar uma dúvida. Você pode aparecer agora?”

“Acho que sim. Bem, vamos lá.”

A primeira coisa que Ângelo percebeu foi uma certa luz azulada, que pareceu formar-se a partir de um tênue raio de sol. Em torno daquele brilho uma névoa começou a turbilhonar levemente e outros pontos de menor brilho foram surgindo, girando todos, como uma pequenina Via Láctea. Gradativamente aquela forma foi adensando-se, refletindo uma diáfana forma humana, cada vez mais nítida. Guardian vestia uma calça jeans, tênis e blusa de malha branca, cabelos ruivos e lisos, quase atingindo os ombros. O rosto foi o último a

ganhar definição. Guardian possuía um corpo escultural e belos seios, que se ressaltavam sob a blusa. Ângelo estava algo entre maravilhado e amedrontado.

- Pronto, Ângelo, aqui estou.
- Você... você... você é uma mulher!
- Alguma coisa contra as mulheres?
- Mas, porque não me disse isto antes?
- Faria diferença pra você?
- Mas é claro!
- Por isso eu não disse!

Ângelo sempre pensava em anjos, espíritos, almas e mesmo na figura de Deus representadas de forma masculina, nunca como uma mulher.

— Ora, Ângelo, não pensei que você fosse tão discriminador! Nunca ouviu dizer que anjos não têm sexo? Bem, isto não é absolutamente verdade. Não sou andrógino. Podemos não ter sexo, mas possuímos sexualidade. Mantemos nossa identidade, nossos referenciais e preferências. Essa forma física que você vê é a minha opção.

- Você é linda!
- São seus olhos!

- Eu poderia lhe dar um abraço?
- Esteja à vontade.

Ângelo estava extasiado. Guardian não podia ser considerada a mais bela mulher do universo, mas cada beleza encontra sua correspondência nos anseios de quem a deseja. Cada um tem os seus conceitos do Belo a partir de uma infinidade de valores e, para Ângelo, Guardian era simplesmente apaixonante.

- Não me convida para sentar?, perguntou ela.

Conversaram por muito tempo e quando Guardian teve de partir, Ângelo não pôde ocultar sua tristeza.

— Ora, Ângelo, sem melodramas. Eu estarei sempre por perto.

- Eu gostaria de ir com você.

— Nem pense nisso! Não esqueça que estar aí faz parte do seu plano, e que ele ainda não está concluído. Não se apresse, meu amigo. Lembre-se que somos imortais.

Ângelo desconfiava que alguma coisa estava acontecendo em sua casa, sem o seu conhecimento. O comportamento dos seus pais mudara bastante desde a última semana. As variações de humor de ambos tornaram-se mais bruscas. Seu pai estava ora extremamente preocupado, ora extremamente carinhoso e zeloso para com ele e com sua mãe. Ela, de certa forma, trazia um semblante mais sereno, mais belo, ainda que também traduzisse certa tensão.

Ao final do dia, após o jantar, quando ele já ia se retirando da mesa, eles pediram que esperasse.

— Ângelo, temos uma notícia para lhe dar, disse-lhe o Pai.

— Boa ou ruim?

— Acreditamos que boa. Você vai ganhar um irmão... ou irmã.

— Como é?

— Sua mãe está grávida.

Ângelo não pode conter o assombro. Sua primeira atitude foi olhar para a barriga da mãe, que ainda não apresentava nenhuma modificação significativa. Abraçou-a ternamente.

— Boa? Isto é uma ótima notícia! Eu mereço!

Horas depois, já deitado, ele não resistiu a buscar a amiga:

— Guardian, você está aí?

Desta vez Guardian apareceu imediatamente, sem o suspense da vez anterior.

— Como vai, Ângelo?

— Tudo bem. Guardian, é possível prever o futuro?

— Já falamos sobre isto.

— Sim, mas você falou também de rotas, de planos, de desvios. Você pode ter acesso aos “planos” que fizemos para nós mesmos, quando ainda estávamos aí no seu mundo?

— Às vezes. Nem sempre isto é permitido. Se um plano foi “protegido” por seu autor, ninguém pode acessá-lo, se não...

— Os meus ficaram protegidos?

— Não.

— Então você os conhece?

— Sim.

— Pode dizê-los.

— Se esta tivesse sido sua opção, você os teria protegido. Ou você mesmo se lembraria deles.

- Entendo.
- Valeu a tentativa.
- Boa noite.

* * * * *

Enquanto os meses se passavam e a gravidez da Mãe de Ângelo se desenvolvia normalmente, ele começou a sentir algumas dores na região torácica.

A princípio não atribuiu maior importância, até um dia em que, saindo da escola, teve um sintoma mais forte. Uma dor lancinante atravessou-lhe o peito, com tal intensidade que ele, por alguns segundos, não conseguiu enxergar nada. Tropeçou e caiu ao chão. Os colegas socorreram-no e uma ambulância foi imediatamente chamada, transportando-o para um hospital. Minutos depois seus pais chegaram. Os primeiros diagnósticos não eram nada animadores.

Exames minuciosos foram realizados nas semanas seguintes, identificando um sério e incurável problema cardíaco. Os médicos foram claros: impossível prever quanto tempo de vida Ângelo teria. Um mês, um ano, uma década... Os pais preferiram poupá-lo dessa informação, mas o modo como passaram a tratá-lo denotava alguma irregularidade.

- Guardian, o que está acontecendo?

— Ora, Ângelo, seus pais estão apenas preocupados com a sua saúde.

— Só isto?

— Só. É natural que eles queiram o melhor para você. Ângelo, também tenho uma notícia para lhe dar.

— Ruim?

— Não necessariamente. Eu vou voltar para o seu mundo.

— Como? Que é isto, Guardian! Você está muito bem aí, que idéia é esta?

— É a minha opção.

— Mas, por que? Você tem seus amigos aí, um trabalho esplêndido. Muitas pessoas precisam de você.

— Mas há algo por fazer. Como alguns preparativos são necessários, nós não vamos nos ver mais por um bom tempo.

— Mas logo agora, quando eu mais preciso de você!

— Engano seu. Você já não precisa mais de mim, neste momento. Além disso, alguém precisará de mim mais que você e eu não posso me furtar a esta colaboração. Só tenho uma coisa a lhe pedir.

— O que quiser, Guardian.

— Quando puder, olhe por mim.

— Eu, Guardian? O protetor aqui é você.

— Não eternamente. Posso lhe dar um abraço?

— Esteja à vontade.

Ângelo tinha lágrimas nos olhos. O corpo de Guardian foi tornando-se gradativamente menos substancial, até desfazer-se por completo, entre os braços de Ângelo. A tênue luz refulgiu ainda por um segundo e deslocou-se em direção à janela, indo misturar-se ao brilho das estrelas.

* * * * *

Eram três e quinze da madrugada. A dor, desta vez, veio insuportavelmente forte. Ângelo ergueu-se da cama com dificuldade. A porta do quarto de seus pais era logo ao lado. Caminhou até lá, girou a maçaneta e, ao entrar, não encontrou ninguém. Desceu as escadas, trôpego, e foi até a sala. Ninguém ali, também. Foi quando percebeu, sobre a mesa, um bilhete:

Ângelo:

**Caso você acorde antes de voltarmos:
Mãe sentiu as dores de parto. Fomos
correndo para a maternidade. Esperamos
por você lá.**

Ângelo, fisicamente esgotado, deixou-se cair no sofá. Começou a lembrar suas primeiras conversas com Guardian. Sentiu muita vontade de estar na maternidade, naquele momento. De repente, pensou tê-la visto atravessando a sala e, num movimento brusco, tentou erguer-se para alcançá-la, mas fora apenas uma impressão. Voltou a deitar-se no sofá, mas só então percebeu que já estava lá, deitado, de olhos fechados. Repentinamente percebeu a situação.

“Então, aconteceu!”

Que tal testar seus superpoderes?, algo lhe perguntava. Lembrou de sua Mãe... a maternidade. Chegou bem na hora em que colocavam Glenda ao lado dela. Ambas sorriam, ao lado do seu Pai. Ângelo contemplava a cena, feliz. Naquele momento, como que percebendo a sua presença, Glenda olhou para a sua direção e presenteou-lhe com o mais carinhoso sorriso do mundo. Um carinho que antes ele só havia percebido nos olhos e sorriso de Guardian.

Luzes azuladas brilhavam à sua volta.

SOBRE O AUTOR

GOULART GOMES nasceu em Salvador, Bahia, em 1 de maio de 1965. Administrador de Empresas, pós-graduado em Literatura Brasileira (UCSAL) e em Gestão de Comunicação Integrada (ESPM-RJ). Atua na área de Comunicação Empresarial. É espiritualista e pesquisador de ficção científica. Fundador do Grupo Cultural Pórtico (1995) e criador da linguagem poética Poetrix (1999). Obteve 67 prêmios em concursos de poesia, prosa e festivais de música e participou de 54 coletâneas publicadas no Brasil, Cuba, Espanha, USA, Itália, França e Coréia do Sul e tem trabalhos divulgados em vários outros países. Atualmente é o Coordenador do Movimento Internacional Poetrix e do Grupo Cultural Pórtico. Como editor alternativo propiciou a publicação de 56 livros e coletâneas de novos autores.

Homepages:

www.goulartgomes.com

www.movimentopoetrix.com

grupoportico.blogspot.com

Outros Livros de Goulart Gomes:

POESIA

Anda Luz (1987)

Todo Desejo (1990)

Sob a Pele (1994)

LinguaJá, o Território Inimigo (2000)

Esfinge Lunar e Outros Enigmas (2001)

POETRIX

Trix, Poemetos Tropi-kais (1999)

Minimal, dos males o menor (2007)

TEATRO

A Greve Geral (1997)

CORDEL

A Divina Comédia (1989)

CONTOS

Todo Tipo de Gente (2003)

ENSAIO

Matrix Revelations – Tudo o que Você Queria Saber sobre o Filme (2005)

ROMANCE

Deixando de Existir (2009)

A primeira edição deste livro foi patrocinada por Safra Distribuidora de Petróleo Ltda., utilizando os benefícios do Programa Estadual de Incentivo à Cultura – FAZCULTURA – do Governo do Estado da Bahia, Lei nmr. 7015/96, em 2002.